

MARIA



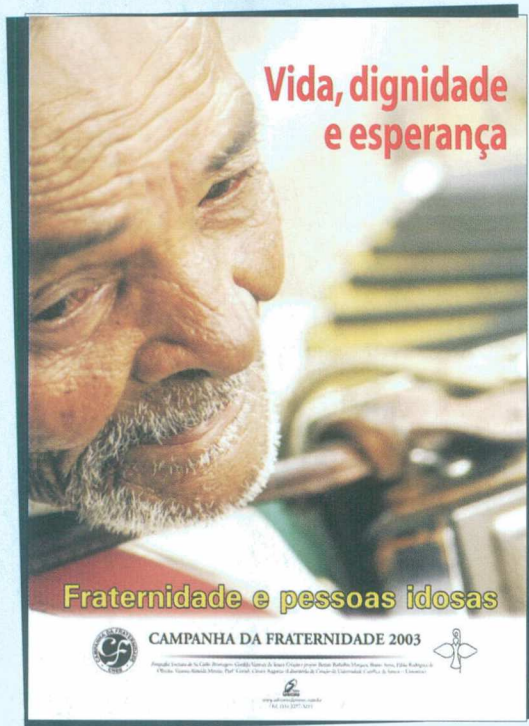
Vida,
dignidade e
esperança

Guardar
silêncio

Experiência
da
misericórdia

Fraternidade e as pessoas idosas

As bem-aventuranças dos anciãos



Bem-Aventurados aqueles que compreendem meus passos vacilantes e minhas mãos trêmulas.

Bem-Aventurados aqueles que levam em conta que meus ouvidos têm que se esforçar para captar o que dizem.

Bem-Aventurados os que percebem que meus olhos já estão nublados e minhas reações são lentas.

Bem-Aventurados os que desviam o olhar simulando não ver o café que por vezes entorno sobre a mesa.

Bem-Aventurados os que, com afável sorriso, contentam-me, concedendo-me alguns momentos para me falar de coisas sem importância.

Bem-Aventurados os que nunca me dizem: “Já me contou isso tantas vezes”.

Bem-Aventurados os que sabem dirigir a conversa e as recordações para as coisas dos tempos passados.

Bem-Aventurados os que me fazem sentir que sou amado e não estou abandonado.

Bem-Aventurados os que compreendem quanto me custou encontrar forças para carregar a minha cruz.

Bem-Aventurados os que me facilitam a passagem final para a Pátria com amabilidade e boas maneiras.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, pegam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba, SP; Andréia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

www.avemariainternet.com.br

EDITORIAL

Colaborar para a paz



Num mesmo horário de TV a reportagem mostra pobres mães iraquianas com suas crianças enfermas nos braços, dentro de um hospital, escasso de recursos médicos, suplicando atendimento aos filhos. Em seguida, soldados norte-americanos exercitando-se para a guerra com equipamentos supersofisticados, possibilitando até enxergar o alvo (pessoas) à noite. Sem dúvida, caríssimos.

As pessoas que decidem fazer guerra certamente não mandam seus filhos para o *front*, nem moram próximo de onde caem as bombas.

Em recente pronunciamento, o papa João Paulo II voltou a fazer um reiterado apelo à paz. Desta vez pediu para que o futuro próximo não seja tão obscuro. Ele diz: "não à morte! Não à guerra! Sim à vida! Sim à paz!" (p.6). Guerra é sinônimo de morte de milhares e milhares de vidas destruídas. Dor e sofrimento vão se transformar em sementes de ódio, rancor e vingança. Guerra e terrorismo são sinônimos, são investimento para a morte e não para a vida.

Karol Woytila, ancião alquebrado pela idade e pela doença, porém sábio e prudente, sustenta, corajosamente, seu apelo ao bom senso e ao respeito à vida. A esperança de diálogo como caminho para a paz possível é a sua bandeira.

Com este número, iniciamos um acompanhamento da Campanha da Fraternidade, sobre "A Fraternidade e as Pessoas Idosas" e cujo lema é "Vida, dignidade e esperança" (p. 7). No Brasil, são, aproximadamente, 15 milhões de idosos. A CF-2003 convida-nos a descobrir no rosto deles o de Jesus Cristo e a ver no idoso a beleza da imagem de Deus.

E ainda apresenta uma importante reflexão sobre a alimentação e os idosos, cuidados e atenções especiais a eles.

Em "Idosos" (p. 11) Pe. João B. Libânio aponta para o valor indispensável da experiência e sabedoria dos idosos. Entende serem um patrimônio de conhecimento útil para o crescimento e o progresso, como também capazes de integrar-se em projetos e campanhas de solidariedade.

No artigo "Guardar silêncio" (p.12), de Frei Betto, os idosos, particularmente nossos genitores nos ensinam pérolas de sabedoria humana como o silêncio, por exemplo. Contemplação da vida, do outro, da natureza, do amor, do mistério de Deus.

A cada dia que passa, a família bem planejada se torna um desafio maior. A vida contemporânea exige isso. A professora Maria Clara Luchetti Bingemer, em "Brasil: a esterilidade como opção?" esclarece a posição da Igreja Católica quanto a paternidade e maternidade responsáveis.

A vida, desde o nascimento até a idade avançada, é um dom de Deus. E nossa missão humana e cristã é usar todos os recursos, do conhecimento, da ciência, da religião, da tecnologia, do dinheiro, do poder para cuidar dela, salvá-la, e não para precipitá-la na morte, por exemplo, com a guerra.

"Este é um tempo em que todos devem colaborar para a constituição de uma nova organização de toda família humana, a fim de garantir a paz..." (João Paulo II – Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2003).

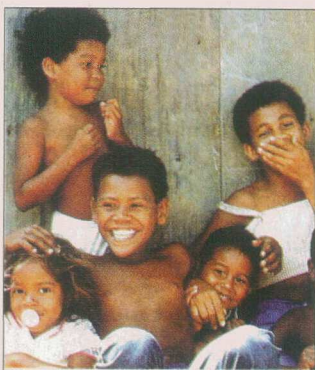
P.C.G.



Cristianismo na AL

São Paulo, SP, 5/2. De 28 de julho a 1.º de agosto terá lugar na Pontifícia Universidade Católica, PUC, de São Paulo, à rua Monte Alegre, 984, e nas Faculdades Batista, à rua Homem de Melo, 537, a conferência sobre o "Cristianismo na América Latina e no Caribe". O encontro acolherá participantes com interesses acadêmicos e com compromissos nas áreas social, política e pastoral, dispostos a partilhar suas pesquisas e experiências. Mais informações e inscrições pelo endereço (www.cesep.org.br/conferencia).

Pastoral Afro-americana



Brasília, DF, 29/1. Realizou-se na semana de 20 a 24/1, em Quito, Equador, um encontro da Pastoral Afro-americana. Os bispos da América Latina, comprometidos com esta pastoral, escolheram países onde a Pastoral Afro-americana

tem experiências significativas. O Brasil foi um dos quatro países escolhidos e representado pelo assessor, pe. Jurandyr Azedo Araújo.

Diálogo na Colômbia

Bogotá, Colômbia, 3/2.

Os bispos que acompanham o histórico diálogo entre o governo do presidente Álvaro Uribe e os paramilitares das Autodefesas Unidas da Colômbia, AUC, que decidiram abandonar o conflito armado, anunciaram o início das conversações de esperança e otimismo ao país.

O bispo de Monteria, d. Julio César Vidal, disse estar muito otimista: "Estamos muito felizes de que se iniciem estas aproximações e devemos orar e contribuir com o melhor de cada um de nós para que tenhamos logo uma reconciliação nacional verdadeira". No primeiro encontro, foi tratada a libertação dos seqüestrados, a desvinculação dos menores de idade das filas das autodefesas e a volta dos desterrados.

O encontro realizou-se em uma estalagem rural da região de bananeiras de Urabá, a uns 900 km a noroeste de Bogotá. Em novembro passado, Carlos Castaño, chefe político das AUC, anunciou uma trégua indefinida de ataques desse movimento de direita, que combate as guerrilhas.

Contra a guerra

Porto Alegre, RS, 6/2. O 3.º Foro Social Mundial Brasil, realizado de 23 a 27 /1 naquela cidade, destacou os temas relacionados à promoção da paz e ao combate à guerra.

Os movimentos pacifistas contavam também com norte-americanos que protestavam contra o provável ataque ao Iraque. A postura bélica do governo dos EUA também sofre protestos dos próprios cidadãos norte-americanos, apesar da maioria da população daquele país apoiar as ações do governo Bush.

Desde a invasão do Afeganistão, após os eventos terroristas de 11 de setembro de 2001, vêm-se ampliando pelo país. Uma das vozes contra a guerra nos EUA é Medea Benjamin, que participou da conferência "contra a militarização e a guerra".

Guerra não é solução



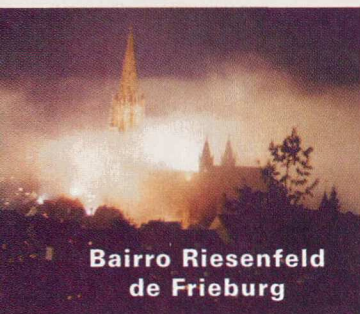
Jakarta, Indonésia, 05/02.

"Expressamos toda a nossa solidariedade. Estamos firmes em nosso juízo: a guerra não é nunca uma solução". Assim é a

mensagem da Conferência Episcopal da Indonésia com a assinatura de seu presidente, Cardeal Julius Darmaatmadja, e pelo Arcebispo Ignatius Suharvo, Secretário-geral, endereçada aos Bispos do Iraque. Afirma apoiar e encorajar cada ação de paz: "Os nossos corações estão comovidos e preocupados com a crítica situação do povo iraquiano, nestes tempos de iminente ameaça de guerra. Nós, bispos da Indonésia, asseguramos as nossas sinceras orações de esperança por uma nova aurora de paz em nosso país". Os bispos afirmam ainda que "a guerra não é nunca uma solução: essa agrava o sofrimento e perpetua o ódio.

A guerra custa vidas humanas. É contrária ao nosso credo sobre a sacralidade da vida humana que Deus nos conferiu". A mensagem, por outro lado, pede ao governo iraquiano "proteger e garantir a vida e a segurança do povo iraquiano". "Rezemos – continua o texto – a fim de que os líderes das nações dêem testemunho de compaixão, não recorrendo à guerra, e rezamos para que o prolongado sofrimento do povo iraquiano possa ser um desafio para a pesquisa de uma solução pacífica para o conflito". Por isto, os bispos da Indonésia indicaram o dia 9 de fevereiro último, um Dia Nacional de Oração pela paz, na Indonésia. O texto integral da carta está disponível em www.fides.org.

Católicos e luteranos



Bairro Riesenfeld de Friburg

Berlim, Alemanha, 5/2/03.

Comunidades católica e protestante do bairro Riesenfeld de Friburg (sudoeste da Alemanha) construíram uma igreja comum, um projeto ecumênico inédito no país. "Hoje já não podem ser colocadas duas torres de duas igrejas distintas uma ao lado da outra", explicou o padre católico Konrad Irslinger, de comum acordo com seu homólogo protestante Raimund Fiehn.

Desde 1997, há uma igreja protestante e outra católica em Riesenfeld e ambas possuem o nome de Maria Madalena. Agora esses dois centros deverão ser substituídos por um só templo. "Na nova igreja, cada comunidade poderá ter sua própria missa, mas também poderão ser feitas celebrações conjuntas", indicou Irslinger.

No interior da igreja, há dois espaços separados por uma parede móvel que pode ser retirada caso as duas comunidades queiram fazer alguma celebração juntas. A construção da igreja custará 5,7 milhões de euros, 71% dos quais serão assumidos

pelos católicos e os outros 29% pelos protestantes.

Os dois espaços dedicados a cada uma das comunidades estarão comunicados por uma pia batismal comum, o que representa um simbolismo deliberado já que, segundo Irslinger, o batismo é o sacramento que mais claramente liga as duas religiões.

Embora já existam centros ecumênicos em outras partes da Alemanha, o projeto de Friburg pretende diferenciar-se pelo fato de sua arquitetura ser abertamente eclesial. Se o cronograma da construção for cumprido, a missa de Natal deste ano poderá ser realizada na nova igreja.

A mulher negra

Lima, Peru, 10/02/03. Com o tema: "A participação da mulher negra no desenvolvimento e construção das Américas" e o lema: "Somos Mulheres Negras", aconteceu, de 10 a 15 de fevereiro, o 9º Encontro da Pastoral Afro-americana (EPA), na Diocese de Callao, Lima - Peru. Teve como finalidades: valorizar a contribuição da mulher negra no processo histórico e na atualidade, fortalecer o processo de construção do projeto de vida comum e harmônico entre homens e mulheres afro-descendentes, conseguir uma efetiva participação da mulher negra na reflexão teológica e na vida eclesial.



A IGREJA NO MUNDO	4
• Notícias	
PALAVRA DO PAPA	6
• A eucaristia faz a diferença	
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2003	7
• Fraternidade e pessoas idosas	
<i>Vida, dignidade e esperança</i>	
• Cuidados com a alimentação dos idosos	9
FÉ E CIDADANIA	11
• Idosos	
<i>J. B. Libânio</i>	
• Guardar silêncio	12
<i>Frei Betto</i>	
• Sexo de aluguel	13
<i>Pe. Zezinho, scj</i>	
• Brasil: a esterilidade como opção	14
<i>Maria Clara Lucchetti Bingemer</i>	
ECOLOGIA DO ESPÍRITO	16
• Inveja	
<i>José Cristo Rey García-Paredes</i>	
REFLEXÃO BÍBLICA	17
• A quem vamos seguir? (2ª parte)	
<i>Elias Leite</i>	
• Experiência da misericórdia	19
<i>Antônio Mesquita Galvão</i>	
LINGUAGEM POSITIVA	20
• Saúde comunicativa	
<i>Francisco Gomes de Matos</i>	
DEVOÇÃO MARIANA	22
• Maria na Bíblia	
<i>Geraldo Araújo Lima</i>	
HISTÓRIA DA IGREJA	23
• Século XXI, desafio para a Igreja (continuação)	
<i>Ronaldo Mazula</i>	
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ	24
• João de Deus e Luísa de Marillac	
<i>Adelino Dias Coelho</i>	
LITURGIA DA PALAVRA	25
• De 20 de abril a 18 de maio	
<i>Adelino Dias Coelho</i>	
MEU LAR	31
• Falando como vítimas (continuação)	
<i>Wimer Botura Jr.</i>	
CULINÁRIA	32
<i>Yvonne Barros Oliveira</i>	
TURMA DA MAÍRA	33
<i>Tina Glória</i>	

Não à morte! Não à guerra!

Sim à vida!

Em 13/1, no Vaticano, João Paulo II pronunciou aos membros do Corpo Diplomático, um discurso, do qual extraímos alguns trechos:

Sinto-me pessoalmente impressionado com os sentimentos de medo que, com frequência, está no coração dos nossos contemporâneos. O terrorismo dissimulado que pode chegar em qualquer momento e em todos os lugares; o problema não resolvido do Oriente Médio, com a Terra Santa e o Iraque; a instabilidade que perturba a América do Sul, sobretudo a Argentina, a Colômbia e a Venezuela; os conflitos que impedem numerosos países africanos de se dedicarem a seu desenvolvimento; as doenças que propagam o contágio e a morte; o grave problema da fome, sobretudo na África; os comportamentos irresponsáveis que contribuem para o empobrecimento dos recursos do planeta: estes são flagelos que ameaçam a sobrevivência da humanidade, a serenidade das pessoas e a segurança das sociedades.

Mas tudo pode mudar para melhor. Isto depende também de cada um de nós. Cada qual pode desenvolver em si o seu potencial de fé, de honradez, de respeito pelo próximo, de dedicação ao serviço dos outros...

Alguns imperativos me parece necessário satisfazer se quisermos evitar que povos inteiros, ou talvez até a humanidade, precipitem-se no abismo: Primeiro, um "Sim à vida" !... Depois, o respeito do direito... Por fim, o dever da solidariedade...

Para isto, os povos da Terra e seus

dirigentes devem ter por vezes a coragem de dizer "não".

"Não à morte"! Isto é não a tudo o que atenta contra a dignidade incomparável de todos os seres humanos, a começar pela dignidade dos nascituros...

"Não ao egoísmo"! Isto é, a tudo o que estimula o homem a refugiar-se dentro do casulo de uma classe social privilegiada ou de um conforto cultural que exclui o próximo. A maneira de vi-

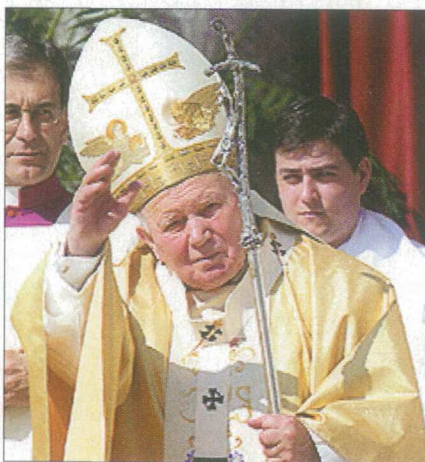


Foto: L'osservatore Romano

ver de quantos gozam do bem-estar, a sua maneira de consumir, devem ser revistas à luz das repercussões que têm sobre os outros países... Egoísmo é, também, a indiferença das nações ricas em relação aos países mais pobres. Todos os povos têm o direito de receber uma parte equitativa dos bens deste mundo e do conhecimento científico e tecnológico dos países mais capazes...

"Não à guerra"! Ela nunca é uma fatalidade! Ela é sempre uma derrota da humanidade. O direito internacional, o diálogo franco, a solidariedade entre os Estados, o exercício tão nobre da diplomacia, são os meios dignos do

homem e das nações para reolver as suas contendas. Digo isto pensando em quantos ainda põem a sua confiança na arma nuclear e nos demasiados conflitos que ainda mantêm como reféns, ir-mãos nossos em humanidade.

No Natal, Belém recordou-nos a crise não resolvida do Oriente Médio onde dois povos, o israelense e o palestinese, são chamados a viver lado a lado, igualmente livres e soberanos, respeitadores um do outro. Perante o agravamento constante da crise médio-oriental, a sua solução nunca poderá ser imposta recorrendo ao terrorismo aos conflitos armados, pensando que as vitórias militares possam ser a solução.

E que dizer das ameaças de uma guerra que se poderia abater sobre as populações do Iraque, terra dos profetas, populações já extenuadas por mais de doze anos de embargo? A guerra nunca pode ser considerada um meio para regular os diferendos entre as Nações. Como recordava a Carta da Organização das Nações Unidas e o Direito Internacional, não podemos recorrer a ela, mesmo quando se trata de garantir o bem comum, a não ser como última possibilidade segundo condições muito rigorosas, sem negligenciar as consequências para as populações civis durante e depois das operações militares.

Portanto, é possível mudar o curso dos acontecimentos no momento em que prevalecem a boa vontade, a confiança no próximo, a realização dos compromissos assumidos e a cooperação entre parceiros responsáveis..."

João Paulo II



Fraternidade e pessoas idosas

Vida, dignidade e esperança

A Campanha da Fraternidade (CF) deste ano quer chamar a atenção do Governo e da sociedade para a grave situação dos idosos em nosso País. O tema da CF'2003 se justifica porque, conforme o último censo do IBGE, as pessoas idosas no Brasil, em 2000, atingiram cerca de 8,6% da população, o que equivale a 15 milhões de pessoas. Para os próximos 20 anos, a previsão é de que os brasileiros idosos serão 15% do total da população. O aumento da expectativa de vida no Brasil se deve, entre outros fatores, ao progresso da ciência, a melhores condições sociais e econômicas e, por que não dizer, ao rígido controle demográfico que tem levado à diminuição da taxa de fecundidade nos últimos anos. Daí, uma expressão usada para definir o Brasil de hoje: "um país jovem de cabelos brancos".

Era de se desejar que a maior expectativa de vida das pessoas fosse acompanhada de também melhor qualidade ao ficar-se idoso. No Brasil, porém, a média de vida é de cerca de 68 anos, e a média de idade com qualidade de vida é de 60 anos.

Além disso, o abandono do idoso no Brasil se evidencia na precariedade dos serviços e programas sociais e de saúde para os anciãos, particularmente para os de baixa renda.

No modelo econômico neoliberal que supervaloriza o lucro, a produtividade, o consumo, a eficiência, o idoso é considerado freqüentemente um inútil, um peso para a sociedade, um improdutivo. Daí, o desprezo por ele e o desrespeito à sua dignidade.

A Campanha da Fraternidade nos convida a descobrir, no rosto do nosso irmão e irmã envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho, o rosto de Jesus Cristo, a beleza da imagem de Deus.

A situação do idoso no Brasil é um desafio para todos e cada um de nós. Alguém dizia com certa ironia: "No Brasil, os anciãos de amanhã serão os meninos de rua de hoje".

A Quaresma pede de nós conversão pessoal e comunitária, a fim de "construirmos uma civilização plena-

mente humana, onde se respeite e se ame os anciãos, para que estes se sintam, apesar da diminuição das forças, parte viva da sociedade" (João Paulo II, Carta aos Anciãos, n.º 12).

Não é possível terminar esta apresentação sem nos referirmos a dois comentários feitos pelo Papa João Paulo II, figura emblemática para todos nós, particularmente para os idosos: "Um velho Papa" — como se apresentava aos jovens na XVI Jornada Mundial da Juventude, em Toronto — "com muitos anos de vida, mas ainda com o coração jovem", e, "Apesar de minhas limitações devidas à idade, conservo o gosto pela vida. Agradeço ao Senhor. É bonito poder gostar-se até o fim pela causa do Reino de Deus" como ele escreveu na Carta aos Anciãos, n.º 17.

Que todos nós possamos ser portadores da mensagem de vida, dignidade e esperança da CF deste ano para todas as pessoas idosas do nosso Brasil.

Dom Raymundo Damasceno Assis
Secretário-Geral da CNBB

Côn. José Adalberto Vanzella
Secretário Executivo da Campanha da Fraternidade.

A fraternidade e pessoas idosas. Vida, dignidade e esperança.

A Campanha da Fraternidade de 2003 quer ser o grande esforço da Igreja no Brasil para viver intensamente o tempo da Quaresma. Um extraordinário instrumento para que todos possam mudar de vida e viver um tempo de graça e salvação, preparando-se, por meio da oração, do jejum, do despren-



Foto: Avelino

Fraternidade: *Fraternidade e Pessoas Idosas*, mostra-nos a preocupação da Igreja no Brasil em criar condições para que o Evangelho seja mais bem vivido em uma sociedade que já foi jovem, mas que hoje é considerada pela Organização das Nações Unidas como uma sociedade amadurecida, devido ao grande aumento do percentual de pessoas idosas.

O objetivo geral da Campanha é motivar todas as pessoas, para que, iluminadas por valores evangélicos, sejam construtoras de novos relacionamentos, novas estruturas, que assegurem valorização integral aos idosos e respeito aos seus direitos.

Para que o objetivo geral possa ser alcançado, a Campanha da Fraternidade propõe seis objetivos específicos:

- chamar a atenção das pessoas e da sociedade em geral no que diz respeito às responsabilidades de to-

"Os anciãos ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornam mais experimentados e amadurecidos"

dimento material, da escuta da Palavra, da participação nos sacramentos e na vida comunitária e da prática do amor solidário, e vivenciar mais intensamente o momento mais importante do ano litúrgico e da história da salvação: a Páscoa.

Neste ano, o tema da Campanha da

dos em relação às pessoas idosas, de modo que cada qual sinta-se motivado a assumir o seu papel;

- esclarecer sobre os preconceitos em relação às pessoas idosas, os quais estão presentes na nossa sociedade, a fim de que os mesmos sejam superados, e as pessoas idosas tenham, em

conseqüência, uma vida mais digna;

- realizar parcerias com entidades da sociedade civil para unir esforços no sentido de compreender melhor a realidade dos idosos e idosas do Brasil e, juntos, encontrarem caminhos comuns para a superação dos graves problemas que estão presentes na vida das pessoas que se encontram nessa fase da vida;

- atuar junto aos órgãos oficiais brasileiros, nas instâncias municipal, estadual e federal, para que haja iniciativas e programas oficiais voltados para a pessoa idosa, e exigir o cumprimento das leis existentes e a regulamentação das leis complementares previstas na Constituição Federal;

- despertar a solidariedade para com as pessoas idosas, reconhecer-lhes os direitos e envolvê-las na luta para que seus direitos sejam respeitados;

- sugerir linhas de ação educativa das pessoas para o envelhecimento.

João Paulo II

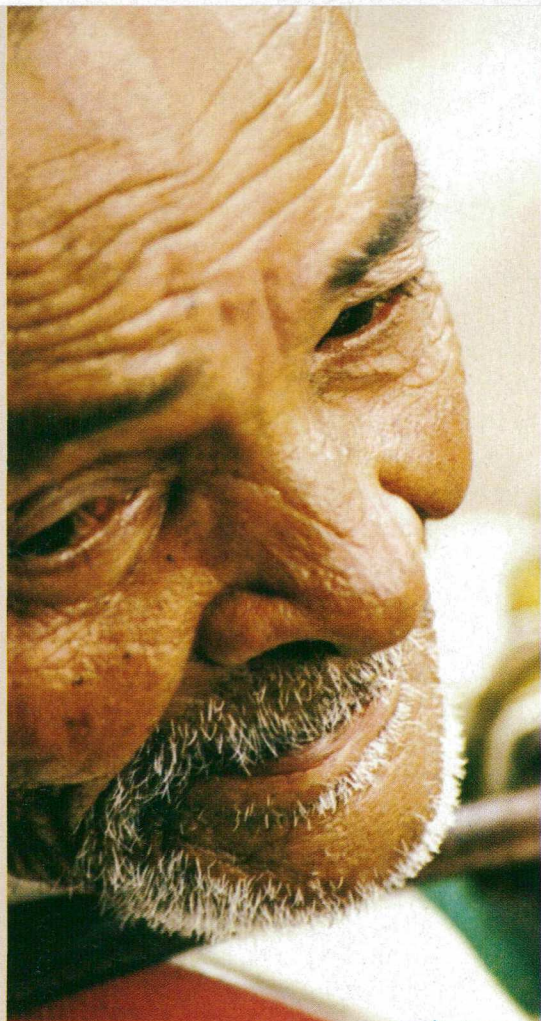
"Os anciãos ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornam mais experimentados e amadurecidos. Eles são os guardiães da memória coletiva e, por isso, intérpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social. Excluí-los é como rejeitar o passado, onde penetram as raízes do presente, em nome de uma modernidade sem memória" (João Paulo II, *Carta aos Anciãos*. Ed. Paulinas, 1999, p.18).

A Campanha da Fraternidade 2003 quer resgatar a importância das pessoas idosas para a sociedade, a fim de que a velhice, que é a etapa mais longa da existência humana, seja marcada pela vida, pela dignidade e pela esperança.

(Continua).



Cuidados com a alimentação do idoso



Na última edição de nossa revista (AM-2), iniciamos uma série de reportagens que esperamos possam suscitar a esperança em nosso leitores idosos e, ao mesmo tempo, convencê-los a aceitar as limitações da idade.

Nesta, dirigimo-nos aos que cuidam dos idosos, cuja dedicação e carinho farão a diferença em suas vidas. O assunto é muito importante. Trata-se da alimentação do idoso, apresentado em anexo, no Texto-base da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para a CF'2003.

A alimentação é uma atividade básica para a sobrevivência e é influenciada por inúmeros fatores: os aspectos sócio-culturais, a idade, o estado físico e mental, a situação econômica e o estado geral de saúde. A forma de comer, os tipos de alimentos, a reunião em torno das refeições refletem aspectos sociais e culturais importantes para interação e convivência comunitária.

Para o idoso, essa atividade de vida diária assume papel relevante, uma vez que as doenças que os idosos apresentam (doenças do coração, demência, artrites, etc.) podem influenciar e alterar sua habilidade e independência para alimentação. Como a população idosa está aumentando, também cresce a frequência de problemas relacionados à alimentação e nutrição. Em vista disso, um dos primeiros cuidados com os alimentos está relacionado com a limpeza das mãos e boca (incluindo a prótese dentária, se houver) antes e após as refeições.

É importante que as refeições sigam uma rotina regular, mantendo constantes os horários pré-estabelecidos, os locais das refeições, os utensílios (pratos, talheres e copos). O horário, sempre que possível, deve ser o mesmo da

família do idoso, possibilitando-se assim a interação e o contato das gerações. Mas, se o idoso apresentar um estado de grande confusão mental, recomenda-se fazer refeições em ambiente tranqüilo, sem muito barulho. O cuidador deve anunciar a atividade que fará (*Vamos começar a almoçar, O cardápio de hoje é..., Vou partir o frango*) e estimular o idoso a participar da atividade (*Poderia pegar o guardanapo, por favor*).

Na medida do possível, é interessante que as refeições contêm os mesmos alimentos dos demais membros da família. No entanto, em virtude da sensibilidade digestiva, deve-se cuidar, em especial, da higiene dos utensílios e dos alimentos, evitando o uso de restos alimentares, de alimentos mal conservados, de enlatados e embutidos.



Foto: Eduardo Russo

O local para as refeições deve ser bem iluminado (muitos idosos apresentam diminuição da visão), arejado e tranqüilo. Os utensílios (pratos, talheres e copos) devem ser resistentes e inquebráveis, colocando na frente do idoso apenas o que for realmente necessário, evitando-se distrair sua atenção durante a alimentação. Caso ele seja muito confuso ou apresente grande tremor nas mãos, sugere-se a utilização de toalhas antiderrapantes ou pratos com ventosas de borracha, que se fixam às mesas e, também, pratos

limitação de movimentos do idoso. Para aquele com grande tremor nas mãos, indica-se aumentar o peso dos talheres, contribuindo para controlar ou modificar os tremores.

Os utensílios visam sempre a aumentar a independência e a participação do idoso nas atividades da vida diária. Mas é fundamental utilizar os mais adequados à idade e não infantilizá-lo durante a alimentação (por exemplo, caso ele apresente grande confusão mental ou limitação física que o impeça de cortar a carne, esta deve ser colocada em seu pra-

Com a diminuição da sensibilidade do paladar e do olfato, indica-se usar na alimentação mais temperos naturais como cebola, alho, tempero verde, ervas aromáticas, evitando pimenta e usando moderadamente o sal.

Requer especial atenção a temperatura dos alimentos, para se evitar acidentes. Em relação aos idosos confusos, procurar não misturar alimentos com consistências diferentes numa mesma refeição (quando líquidos e sólidos são administrados juntos, o idoso tenderá a engolir os sólidos sem a mastigação necessária). Deve-se também promover contraste de cor entre os alimentos e o prato, e entre o prato e a toalha, visando a facilitar a orientação e percepção visual.

A alimentação de idosos dependentes ou em estágios avançados de doenças é uma atividade que requer tempo, tranqüilidade e habilidade. O cuidador deve utilizar palavras claras, frases curtas e objetivas e anunciar o que irá fazer, solicitando a colaboração do idoso, por menor que seja e utilizar palavras de estímulo e incentivo.

Quando a alimentação for via sonda enteral ou gástrica, deve ser feita sempre com o idoso sentado, com calma e paciência, em consistência líquida e em pequenas porções. Após a administração da dieta pela sonda, é indispensável injetar água para mantê-la limpa, evitando o risco de entupimento.

Para finalizar, deve-se enfatizar que as adaptações sugeridas visam facilitar a alimentação e aumentar a independência do idoso, devendo ser propostas segundo o grau de confusão mental, incapacidades físicas e distúrbios de conduta que eventualmente poderão fazer parte do quadro clínico do doente idoso.



Fotos: Avelino

Idoso não deve conviver só com idoso – Tem de conviver com outras faixas etárias, dar e receber experiência, afeto, emoções, num processo de relação com pessoas de outras gerações.

com as laterais elevadas, evitando-se que a comida seja derramada.

Os copos e as xícaras podem ser adaptados, caso o idoso tenha dificuldade em fechar os dedos ou pouca força muscular para levá-los à boca. A adaptação de alças de diferentes tipos, o uso de tampas e canudos plásticos também ajudam. Quanto aos talheres, esses podem ter seus cabos aumentados ou engrossados, dependendo da

to já cortada em pequenos pedaços).

O cuidador deverá ser orientado pelo nutricionista e/ou médico, respeitando, sempre que possível, as preferências alimentares do idoso, e seguir com disciplina as dietas especiais nos casos de doenças como, por exemplo, diabetes, hipertensão, obesidade, etc. Essas dietas devem ser nutritivas, equilibradas e conter os tipos de alimentos adequados.

Caro assinante, exija de seu cobrador a identificação da revista Ave Maria.



Faculdade Claretiana da 3ª Idade, São Paulo, SP.

Idosos

J. B. Libânio

As sociedades trataram e tratam o ancião de modo diferente conforme épocas e culturas. Cada experiência histórica é-nos uma lição. O mestre romano ensinava-nos que a história é mestra da vida.

As sociedades tradicionais costumam atribuir aos anciãos o papel de mestre, de sábio. No Antigo Testamento, descobrimos aí muitos ensinamentos dos mais velhos, tanto sob forma de oração nos salmos, como sob ensinamentos na literatura sapiencial. As tribos indígenas também conferem aos anciãos um lugar de relevância.

As gerações jovens pedem-lhes a bênção. Gesto simbólico que exprime o reconhecimento de que as experiências que eles acumularam não devem perder-se, mas ser transmitidas como gotas de luz para iluminar os caminhos dos mais novos.

Os anciãos transmitem sua sabedoria por meio de máximas, provérbios, estórias. Os olhos obnubilados pelos anos fecham-se e a língua desenrola-se em narrativas e dizeres que sedimentam uma

vida de vivências, de aprendizado. É um saber saboroso que reflete experiência e enriquece a nova geração.

O pensar tradicional dos anciãos corre o risco de deter a história na sua evolução e não se abrir às novidades. Por isso, as sociedades antigas ficaram tão paradas nelas mesmas. Embora tenham vivido muitos valores, não romperam a sua própria identidade para um progresso e evolução.

A sociedade moderna trouxe novos questionamentos, marcada pelo desejo de sempre mais: saber, tecnologia, ciência, bens materiais e simbólicos. Desenvolve a ideologia do progresso científico e tecnológico, com exigências pesadas sobre as pessoas para produzirem sempre mais. Então, o ancião com suas forças diminuídas é deslocado para a margem da sociedade. Ele é sentido como peso para a sociedade.

O mercado tem procurado incorporá-lo, desde que tenha recursos, nos programas de turismo, de lazer, de cuidado da saúde. Mas ele é impiedoso com os velhos que não produzem nem consomem.

A sociedade pós-moderna tem ajudado o ancião a recuperar o gosto da vida e o direito ao prazer, a participar de festas, a freqüentar encontros gratificantes até o exagero de induzir alguns anciãos a comportamentos juvenis, impróprios para sua idade.

Temos direito de sonhar com uma sociedade da solidariedade, onde o idoso terá um papel único, insubstituível

e fundamental. Recupera, em parte, a função que cumpria na sociedade da sabedoria.

Abrem-se para os idosos, ainda com forças físicas e espirituais, campo maravilhoso de atividades nas igrejas, nas causas sociais, em ONGs, em movimentos humanitários. Com mais tempo disponível e com conhecimentos acumulados, dispõem eles de uma bagagem humana invejável. Podem pôr tudo isso à disposição da comunidade eclesial e civil. Já há muita realidade sendo feita por aposentados na linha da gratuidade, da diaconia eclesial e política.

Com o novo governo, que colocou como prioridade primeira lutar contra a fome e a miséria, muitos idosos terão condições de associar-se a tal programa.

A sociedade da solidariedade tem a face da atenção pelo ancião. Há aqueles que necessitam de cuidados especiais. Só uma sociedade imbuída do espírito de solidariedade é capaz de reconhecer nessas pessoas, totalmente incapazes até mesmo de cuidar de si, o que elas já fizeram. Cabe criá-lhes as melhores condições humanas para uma velhice com dignidade.

Temos diante de nós uma Campanha da Fraternidade que promete acordar a Igreja e a sociedade para esse segmento social em crescimento em nosso país e cujo valor, reconhecimento, estima não têm sido entendidos. Os idosos são verdadeiro patrimônio de uma sociedade e cultura. Infeliz daquele povo que não souber reconhecê-lo e valorizá-lo.



J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.



Guardar silêncio

Frei Betto

Fotos: Eduardo Russo

Avanços outrora alcançados pela humanidade perdem-se por falta de uso e a ausência de memória. Quem curte cozinha bem o sabe. Minha avó fazia um delicioso Miss Guynt, abasileirado para "missiguinte", bolo de quatorze camadas finas embebidas de conhaque e recheadas de goiabada em calda – na falta de cerejas utilizadas pelos britânicos, antes de se fixarem na mina de Morro Velho, em Minas, onde ela aprendeu a receita.

Minha mãe tornou-se mestra na arte de fazer esse bolo que, quanto mais velho, melhor, e quanto mais fina a fatia, mais saborosa. Hoje, dos oito filhos, só dois dominam o seu preparo.

O gesto que não cria hábito não vira tradição. Por isso, já não sabemos a receita dos pães egípcios que levavam semanas para desidratar, e por isso eram os preferidos dos nave-

gadores, nem dos anticatizantes medievais aplicados após a retirada de ventosas da pele.

Uma riqueza inestimável que estamos perdendo é a do silêncio. Nossa sociedade é ruidosa nos mínimos detalhes. Malgrado o avanço da tecnologia, ainda não se inventaram liquidificadores e britadeiras silenciosos. Há muitas "falas" ao nosso redor. A publicidade de rua esgarça o nosso espírito. Daí ser um deleite para a alma caminhar por uma cidade desprovida de *outdoors*, como Praga. Como os olhos ficam descansados quando podem apreciar a natureza e a estética dos monumentos arquitetônicos! Como dá prazer fitar o mar que, como dizia Hélio Pellegrino, é o pão do espírito!

Há quem tema o silêncio e, ao entrar em casa, trata de ligar todos os aparelhos: telefone, TV, rádio, etc. São

pessoas incapazes de escutar o silêncio interior. Sentem dificuldade em "amar o próximo como a si mesmo". Quem não gosta de si tem resistência a gostar dos outros. E desconta neles o mal-estar íntimo. É no silêncio que posso descobrir um "outro" que não sou eu e, no entanto, como salientou Tomás de Aquino, funda a minha verdadeira identidade.

A noivos que se preparam para o casamento, sempre pergunto: *Vocês são capazes de ficar juntos, em silêncio, sem saudades de uma tesoura de jardineiro?* Se o silêncio entre o casal pesa, suscita desconfianças e indagações tipo "o que você está pensando?" ou "por que está tão calado?", é sinal de que a relação não vai bem. Meus pais, aos 60 anos de casados, passavam horas, lado a lado, em silêncio. Ela bordando, ele lendo, na suavidade de quem apren-

deu que a profundidade do sentimento dispensa palavras. Como a oração que agrada a Deus.

No litoral capixaba, saí de madrugada num barco com três pescadores. Fomos recolher redes em alto-mar. O que mais me impressionou foi o silêncio entre eles, como se temessem precipitar o despertar do dia. Mesmo na penumbra, um adivinhava a vontade e o gesto do outro.

Conheço o silêncio dos monges, embora os conventos atuais, encravados nas cidades, sejam em geral ruidosos. Nas exceções à regra, os religiosos comem em silêncio, caminham pelo claustro sem que ninguém os interrompa, ficam horas na capela, deixando-se inebriar pelo Mistério. Hoje, muitos praticam meditação em busca de silêncio. Querem mergulhar no próprio poço e beber da fonte de água viva.

As novas gerações já não aprendem a fechar os olhos para ver melhor. Sabem pouco das grandes tradições espirituais; curvam-se sem reverência; ajoelham-se sem orar; meditam sem contemplar; ignoram que a solidão é um exercício de solidariedade. Não escutam o Mistério, nem auscultam o Invisível. São cada vez mais raros os jovens que fazem a experiência de deixar Deus falar neles, assim como o amado desfruta da presença invisível e, no entanto, envolvente, da amada.

O silêncio é a matéria-prima do amor, ensinava José Carlos de Oliveira, um dos melhores cronistas da história deste país. Mas quem haverá de se lembrar dele se nem somos capazes de cultivar a vida interior?



Frei Betto é escritor e autor, em parceria com Leonardo Boff, de "Mística e Espiritualidade" (Rocco), entre outros livros.

Sexo de aluguel

Pe. Zezinho, scj



Todos os casais bem casados dizem que a sexualidade é gratificante quando existe uma entrega total e sem reservas de duas pessoas livres que resolveram comprometer-se.

Para a mulher é uma graça e uma bênção ter um homem sereno e amoroso ao seu lado. Para o homem uma graça muito especial encontrar a mulher certa, com quem divide prazeres, alegrias, tristezas e ansiedades, sobretudo quando os filhos também dão certo.

Há, pois, um sexo muito gratificante porque acompanhado de outros valores do casamento, que, para ser bom precisa ter mais que o prazer sexual. Está no rosto de quem acertou na escolha do companheiro ou da companheira de vida. Por isso é muito triste

perceber a promoção do sexo de aluguel nas revistas, jornais, cartazes, programas de televisão e no cinema, porque ele acaba tornando-se um desvio na vida de muitos jovens e adolescentes e de muitos adultos.

Sexo de aluguel é aquele em que os dois sabem que não é para sempre. Ele ou ela precisam daquele prazer e o outro está disposto a dar, desde que tenha vantagens materiais em troca.

Assim, a carreira, a fama, o dinheiro imediato, uma viagem, uma satisfação momentânea, justificam o encontro de um homem e uma mulher que não querem e nem pretendem comprometer-se para sempre um com o outro. Vale o prazer daqueles dias. Ele aluga suas propriedades masculinas para uma mulher que, por aquele período, precisa dele, mas não o quer para sempre. Ela, as suas propriedades femininas para alguém mais velho ou mais novo que pode pagar ou lhe dará em troca o que ela precisa.

O sexo de aluguel tem recebido uma enorme promoção nos meios de comunicação de hoje. Equivale a dizer: — *Quero o prazer que você me pode dar agora, mas não quero você nem agora, nem depois. Por enquanto eu só quero isto e isto já me satisfaz. Em troca eu lhe dou o que você quer. Dou coisas, mas não me dou.*

Existe um amor que é feito de troca e outro que é feito de barganha. O verdadeiro amor promove trocas: a paixão promove barganha. Achei que devia dizer isso para uma sociedade onde as bancas estão cheias de revistas de gente que barganhou.



Pe Zezinho é escritor, compositor e conferencista.



BRASIL: a esterilidade como opção?

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Parece que as famílias brasileiras estão tendo menos filhos e ficando menos numerosas. Pelo menos as famílias mais abastadas e letradas, que planejam cuidadosamente sua prole, encurtando sempre mais o tamanho do núcleo familiar. Recentemente pudemos ler nos principais jornais do país matérias declarando que os índices de crescimento demográfico no Brasil já vão alcançando quase os de países desenvolvidos.

Por outro lado, entre as classes populares a realidade se apresenta diferente. Ou seja, os pobres continuam tendo muitos filhos, mesmo não tendo as condições consideradas ideais para tê-los. Os que têm mais filhos são justamente aqueles que teriam menos recursos para mantê-los.

O problema não é simples como parece, e certamente não se resolverá com uma intensificação de campanhas esclarecedoras entre as classes populares e farta distribuição de anticoncepcionais aos mais pobres. Neste ponto o que se toca é nada menos que o mistério da vida, e o sagrado direito à vida que é o de todo ser humano.

Em primeiro lugar, é preciso ver se ter poucos filhos é necessariamente a melhor opção. A resposta não é óbvia. Sim, se essa escolha for fruto de um discernimento responsável e generoso, que planeja a formação familiar tendo em vista as melhores condições de

Entretanto, melancolicamente, muitas vezes este suposto desenvolvimento revela-se enraizado em um individualismo levado ao extremo, que faz os jovens casarem-se cada vez mais tarde, esperarem anos para terem filhos e, quando finalmente decidem tê-los, ou não o conseguem mais, ou param no primeiro por não mais se animarem para o segundo. Que sociedade construirão esses numerosos filhos únicos, criados em casas silenciosas, sem ninguém que interfira em seu egoísmo e lhes ensine a dividir?

vida para os filhos que nascerão da união amorosa do casal. Não, se a mesma escolha for o resultado de um egoísmo acumulativo, próprio da mentalidade neoliberal, que evita os filhos para manter um nível de vida mais luxuoso, poder acumular mais bens, ou até mesmo ter uma vida mais livre e descompromissada, menos atada pela série de exigências que a educação de um filho implica.

A posição da Igreja é muito clara nesse sentido e tem se feito ouvir em várias ocasiões. Antes de tudo está o respeito à vida e à criação de Deus. Não se conseguirá uma população mais feliz e bem alimentada e educada simplesmente incentivando a esterilidade programada: organizando campanhas pró-aborto, recomendando anticoncepcionais indiscriminada e irresponsavelmente, ou até mesmo cometendo barbaridades como esterilizar mulheres contra a sua vontade, aproveitando o decurso de uma cirurgia. Ninguém é dono da vida do outro: nem do feto que tem o direito de nascer, nem da mãe que deseja levar sua gravidez até o fim, mesmo com riscos e problemas, nem da mulher que não quer fechar irreversivelmente seu corpo à possibilidade de ter mais filhos.

Por outro lado, a Igreja não é contra o planejamento familiar e até mesmo o recomenda. Porém, deixa bem claro que isso tem que ser uma deci-

Fotos: Avelino





são tomada por cada casal, com honestidade e abertura suficientes para ser capaz de reconhecer quando a hesitação em assumir mais um filho dentro da família é realmente uma opção coerente e madura ou, pelo contrário, resulta de uma recusa em abrir-se ao crescimento e ao novo que chega, por medo do que isso possa implicar em termos de trabalho, recursos, despesas, etc.

A situação demográfica atual do Brasil realmente dá o que pensar. Por um lado, nossas classes médias caminham na direção da equiparação com os países mais desenvolvidos. Isso soa positivo e parece ser o que queremos: crescer. Entretanto, melancolicamente, muitas vezes este suposto desenvolvimento revela-se enraizado em um individualismo levado ao extremo, que faz os jovens casarem-se cada vez mais tarde, esperarem anos para terem filhos e, quando finalmente decidem tê-

los, ou não o conseguem mais, ou param no primeiro por não mais se animarem para o segundo. Que sociedade construirão esses numerosos filhos únicos, criados em casas silenciosas, sem ninguém que interfira em seu egoísmo e lhes ensine a dividir?

Por outro lado, os pobres, em meio ao drama de seu duro cotidiano, continuam tendo muitos filhos. E ao lado de situações dramáticas como proles exageradas que acabam com a saúde das mulheres; ou de gravidezes prematuras de meninas e adolescentes, podem se ver igualmente exemplos de generosidade e solidariedade, de famílias numerosas que lutam com o estrito necessário para a sobrevivência e ainda sabem acolher os filhos do compadre que morreu, ou da vizinha que está doente.

Por isso, as recentes notícias sobre nosso crescimento demográfico nos provocam sentimentos contraditórios: ao lado da satisfação de apresentarmos mais um sinal de crescimento e desenvolvimento, a apreensão de transformarmos-nos em mais uma destas sociedades tristes e velhas, onde as crianças desaparecem da paisagem, onde o mundo é feito só de adultos e sobretudo de idosos, onde os casais vivem um egoísmo a dois, por medo de admitirem um terceiro que interrompa sua solidão, onde a esterilidade é vista como opção necessária para uma vida melhor.

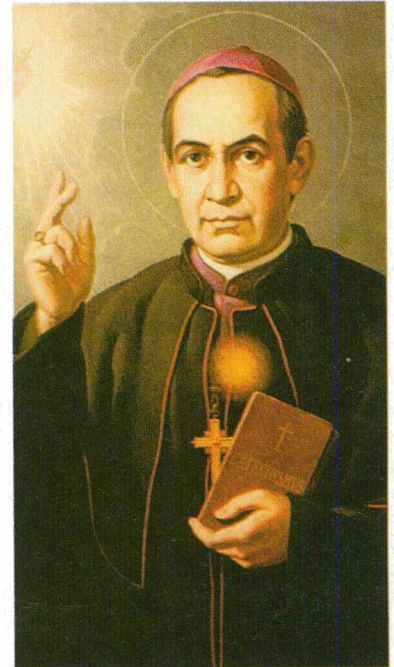
Diante disso, o Evangelho e a Moral cristã nos relembram: nascemos para o amor e, portanto, para a vida e a fecundidade. Somos seres relacionais e comunicativos, feitos para a transmissão da vida e a comunhão. A esterilidade nunca poderá ser nossa bandeira, embora, sim, devemos administrar o inefável dom de podermos dar vida a outros seres humanos com sensatez e responsabilidade.



Maria Clara Lucchetti Bingemer é teóloga, professora da PUC/RJ e coordenadora do Centro Loyola de Fé e Cultura.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Servidores de Palavra ao estilo de Claret, anunciando a Boa Nova do Reino a todos os povos e nações.



*Venha conosco
nessa missão!*

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (19) 9604-2745 / 3242-2258 - Campinas-SP
pemaucio@mpec.com.br

CENTRO PE. JAIME CLOTET
F. (46) 224-4129 - Pato Branco-PR
pe_gilson@zipmail.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (82) 326-8122 - Maceló-AL
missaoclalet@ofm.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (66) 437-1106 - Campinápolis-MT

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (31) 3218-7676 - Belo Horizonte-MG
pvbcent@uai.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (61) 351-1051 - Taguatinga-DF

**Assine já
a revista
Ave Maria**

**Só R\$ 25,00 por ano,
um exemplar por mês.**

0800-555 021 (grátis)

Inveja Inveja Inveja

José Cristo Rey García-Paredes

Salieri e Mozart... Caim e Abel... Judas e Jesus. Pura inveja! Fica bem dizer que "me invejam", mas jamais reconheço que "sou um invejoso".

A inveja funciona. É protagonista secreta de muitos acontecimentos. É uma sombra, uma "sombra má" que nos faz andar "sombrios e entristecidos".

A inveja é uma paixão, não um pecado. É um sintoma, não um ato moral. É alguma coisa que se apodera de nós e nos consome. É como uma febre, uma enfermidade... às vezes, crônica. Podemos morrer de inveja.

Que sentimento maldito!

A inveja é um sintoma. Revela uma deficiência estrutural no desenvolvimento de nossa pessoa. Em um momento concreto, damo-nos conta de que "não somos o centro do mundo"; que existem outras pessoas com qualidades, com dons especiais; que não somos superiores aos demais; nem sequer proporcionais.

Descobrimos nossa limitação. Certa pessoa começa a ser importante para mim. Nela descubro o que gostaria de ser; não só o que gostaria de ter. Parece-me que ela é maior, enquanto sou rebaixado ou relegado. Dói-me reconhecer que eu nunca poderei ser assim. Isso suscita em mim um certo ódio por ela ser como é, e eu não ser assim.

Quando invejo, persegue-me a sombra daquele a quem invejo, sua imagem notória. E incomoda-me. Daí, sentir eu a tentação de a destruir.

Assim perseguiu a sombra de Abel a Caim, a de Jesus a Judas, a de Mozart a Salieri. Essa sombra nociva só se diluiria se a pessoa invejada caísse em

A inveja é uma paixão, não um pecado. É um sintoma, não um ato moral. É alguma coisa que se apodera de nós e nos consome. É como uma febre, uma enfermidade... às vezes, crônica. Podemos morrer de inveja.



Foto: Avelino

desgraça. Por isso, sinto a tentação de destruir sua reputação, de difamá-la; de espalhar uma parte de sua verdade, como se fosse a verdade toda.

Porém, quem está disposto a reconhecer que é invejoso? Ocultamos como podemos diante dos demais e diante de nós mesmos. A inveja é uma "paixão solitária" (Castilha del Pino). Mas sua força é tão grande que trans-parece no rosto, no estado de ânimo, em mil gestos e palavras, ou em silêncios estudados.

A inveja torna triste a vida; mani-

festa uma profunda frustração. Quando se demonstra que somos invejosos, ficamos envergonhados.

Sob o influxo da inveja, nada é criativo. A capacidade criadora se fecha. A passividade, a indiferença, que as vezes nos poda, tem, freqüentemente, suas raízes na inveja. O invejoso não se reconhece único, singular, irrepetível. Seu modelo é o outro. Tem um modelo impossível. Não reconhece que foi chamado a seguir seu próprio caminho e a fazer as coisas a seu modo. Diante da presença da pessoa invejada, o invejoso fica paralizado, bloqueado: não fala, não cria, perde a iniciativa.

Que fazer para sair deste círculo vicioso da inveja? Como conseguir a paz da generosidade? Reconhecer a paixão e abrir-se à visita de outra paixão mais poderosa. Jesus foi o "homem para os outros". Recebeu o Espírito da comum+união. Jesus compartilhava seus dons com todos. Reconhecia os dons de Deus nos demais e glorificava a Deus. A deficiência do invejoso está em ter construído uma imagem de si mesmo sem relação com os outros, sem ter em conta os demais. Jesus nos chama a ser corpo. A contar com todos os membros. A desfrutar de seus dons, como bem-estar para o corpo inteiro.

Seria bom que todos reconheçêssemos — desde o maior até o menor — que tantas vezes a inveja nos tolhe a vida. Seria bom começar uma terapia antiinveja em toda a Igreja. Certamente o Corpo de Cristo teria mais mobilidade e capacidade criadora e regeneradora.



José Cristo Rey García-Paredes é missionário claretiano e teólogo em Madrid, Espanha.

A quem vamos seguir?

Elias Leite

(2ª parte)

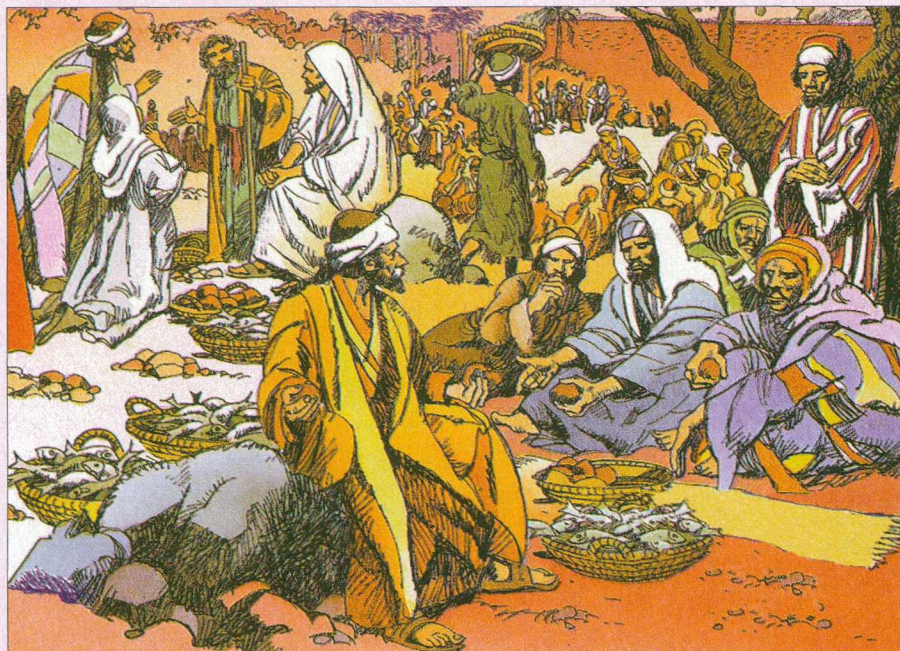


Ilustração extraída: A Bíblia em quadrimhos, Ed. Ave Maria.

Os quatro relatores oficiais da doutrina e dos feitos de Jesus, repetem à saciedade, que por onde ele andasse, as multidões o seguiam. E do contexto, deduzimos que era acompanhado não como se acompanha, hoje, uma procissão, ou uma passeata de protesto. Os seguidores eram povo, cada qual com seu interesse pessoal, sua carência, sua intenção. Podia até haver coincidências, mas, no todo, eram divergentes. Exceção feita ao bloco monolítico dos fariseus, saduceus e congêneres.

A unidade maior não se definia pelo interesse na nova doutrina ensinada, nem pelo seu jeito de ensiná-la. Mas, sim, pela pressão das doenças e da fome, que é doença também.

E esta é a razão de ali se encontrarem sentados na relva, a mandado do Mestre, tantos corpos derreados. Bem de tarde. Todos carentes de pão.

Jesus percebeu logo o interesse deles. E os foi censurando, no intuito de dar a eles e nos deixar uma liçãozinha sobre valores: — Voltaram hoje a me procurar, não porque viram o que eu fiz, mas só pelos pães que comeram e ficaram fartos! E acrescentou: — Não trabalhem pelo alimento que se estraga, mas pela comida que dura para a vida eterna.

Jesus percorreu o olhar sobre a multidão abatida, bandeirando as vestes à forte aragem, vinda do lago de Tiberíades. Compadeceu-se. E, voltando o

rosto para os discípulos, falou pensando: — Onde vamos comprar comida para toda essa gente?

Tomava para si o que era de todos. E era gente muita.

Com jeito de economista, Filipe ariscou: — Para cada um receber um pouco de pão, nós precisamos gastar uns duzentos denários.

Pelos cálculos de Mateus, em outra ocasião, o denário era uma moeda de prata, custo de um salário por um dia de trabalho. As despesas daquela tarde ultrapassariam cinco meses de serviço, fora o imposto de César. André, irmão de Simão, apontou com desalento: — Está ali um garoto que tem cinco pães e dois peixinhos. Mas o que é isto para tanta gente?

Estava difícil. Trem sem jeito. Mas era bem esta hora que Jesus esperava. Deu alguns passos, foi até o menino, pegou o cestinho com os cinco pães e os peixes. Ergueu os olhos para o céu. Em seguida, partindo um pão, deu os demais aos discípulos, e os foram repartindo. Todos comeram à vontade. Tanto que ainda sobraram pedaços recolhidos em doze cestos. A alegria foi geral. Era coisa jamais vista. E, em meio ao entusiasmo, até pensaram em fazê-lo rei! O que obrigou Jesus a ausentar-se. Foi para o monte, ficar sozinho. Esperando que esquecessem.

Na madrugada, atravessou o lago. Deu-se o episódio da tempestade acalmada, e quando pisou na margem, já deu de encontro com outra multidão que o procurava. Gente nova e gente que havia comido do pão multiplicado anteriormente. Aconteceu que, surpresos, alguns lhe perguntaram: — Mestre, quando é que o senhor chegou aqui?



Última ceia: Rubens, 1640

Jesus percebeu logo o interesse deles. E os foi censurando, no intuito de dar a eles e nos deixar uma liçãozinha sobre valores: — Voltaram hoje a me procurar, não porque viram o que eu fiz, mas só pelos pães que comeram e ficaram fartos! E acrescentou: — Não trabalhem pelo alimento que se estraga, mas pela comida que dura para a vida eterna. O Filho do Homem dará

essa comida a vocês, porque o Pai lhes mostrou (com o milagre dos pães) que ele tem poder para isso.

Alguém demonstrando boa vontade, ainda perguntou: — E o que é que Deus quer que a gente faça? — Que creiam nele que me enviou! — responde Jesus.

Outro ousou entrar no assunto com esta: — Que milagre o senhor vai fazer para a gente ver e crer? O que é que o senhor pode fazer?

Este, por certo, não teria presenciado nem tido notícia do pão repartido! Mas, convenhamos, não são as mesmas perguntas que muita gente faz, ainda hoje, com dois mil anos de cristianismo? Como a Fé repete os seus mistérios!


Só Deus tem paciência infinita. Outros vieram com alusões ao maná no deserto, quando Moisés conduzia o povo hebreu. Jesus lhes explicou a diferença entre o maná e o pão que prometia dar a comer, o Pão da vida! E insistiram: — Então, dê sempre deste pão para nós!

Viu Jesus que nem esses estavam entendendo. E começou o seu maravi-

lhoso discurso sobre o Pão da Vida descido do céu. A promessa da ressurreição, o sentido de vivermos nele, ao comermos daquele Pão e dele viver em nós. Referência àquela refeição divina que, mais tarde, João viria a narrar com tamanha clareza: — Tomai todos e comei, é meu Corpo que vai ser entregue por vós! Tomai e bebei deste cálice, o meu Sangue que vai ser derramado por vós e por todos, em remissão dos pecados! E façam isto em memória de mim!

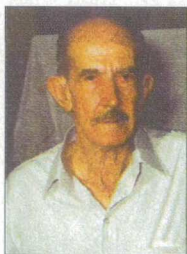
Jesus atendia, naquela hora, conscientemente o inconsciente pedido daquelas vozes: — Senhor, dê-nos sempre deste pão. E nos mandou sim, (missa) repetíssemos o misterioso gesto, num rito de Fé!

Mas, em meio àquele discurso, houve discussões ousadas e desinteresses. Deserções até. E foi aí que ele exigiu fidelidade. Voltou-se para os discípulos, como que decepcionado: — E vocês, também querem ir embora!?

Simão Pedro, em nome deles e da iniciante Igreja (hoje o faz João Paulo II), dá a resposta com estas palavras cheias de verdade que ainda ecoam em meio às incertezas do nosso tempo: — Senhor, a quem vamos seguir? Somente tu tens palavras de vida eterna! 

Elias Leite é missionário Claretiano, escritor e poeta.

Na Paz do Senhor



Em Campo Belo, MG, **José Parreira da Mata**, faleceu aos 26 de novembro passado, com 86 anos de idade. Foi assinante de nossa

revista desde criança, quando seu pai Alvim Alves Parreira já era assinante.

Em Itabirito, MG, **Maria Francisca Cavallieri Pontello**, aos 9 de agosto de 2002, com 74 anos de idade. Propagadora entusiasta desta revista.

Em Ouro Fino, MG, **Rita Augusta Fonseca Braga**, aos 4 de janeiro de 2003, com 90 anos de idade. Foi nossa assinante da Ave Maria por muitos anos.

Em Vitória, ES, **Ida Marota**, aos 16 de outubro de 2002, com 89 anos de idade.

Em Belo Horizonte, MG, **José Antônio Gonzaga** (Zezé), aos 19 de maio de 2002. Com 75 anos de idade.

Em Belo Horizonte, MG, **João Batista de Oliveira Luz** aos 29 de janeiro de 2003. Com 49 anos de idade. Filho da assinante Aurea de Oliveira Luz.

Em Belo Horizonte, MG, **Fabio de Lima**, aos 27 de outubro de 2002. Com 75 anos de idade.

Experiência da misericórdia

Antônio Mesquita Galvão

A mística moderna fala muito em experiências de oração e de escuta, e se esquece, vez por outra, daquela que é a maior delas: a experiência da misericórdia de Deus. Enquanto aquelas duas são individuais, esta só ocorre mediante a vivência comunitária. Assim, se as experiências de oração e de escuta não se fecharem em um fim-em-si, mas se abrirem à prática evangélica, pastoral e social, poderão levar, seguramente, a experienciar a misericórdia de Deus. A palavra *miser-corde*, onde *miser* é miséria e *corde* se refere a coração, significa sentir com o coração as penas e as dores de alguém que sofre suas misérias. A miséria tanto pode ser material como espiritual, e também afetiva. No hebraico bíblico vamos encontrar o verbete *hesêd* a exprimir aquela misericórdia que socorre e consola. Seu significado denota também a acolhida de um rei por seus súditos ou de um pai pelos filhos. Caracteriza sempre uma ajuda, atual, plena e eficaz a quem precisa. Abrange, muito além do "querer bem", aproximando-se sobretudo do "fazer o bem". Como o *hesêd* (é masculino) tem por base os laços existentes, seja de parentesco, matrimoniais ou de aliança, para que efetivamente ocorra, precisa ser *praticado*, indo além do discurso. Como ação de Deus, vem sempre acompanhado do *'emet* (a verdade, o amém) e da *mi_pat* (a justiça). O *_* se pronuncia ch. O *hesêd* traz consigo um sentimento ainda mais profundo, no que é acompanhado pelo *helê-*

Revelando que é possível ao ser humano ter misericórdia com o próximo, Jesus incluiu esse sentimento-prática entre as bem-aventuranças (cf. Mt 5, 7). Deus convida "façam a experiência da minha misericórdia, e verão como eu vou além..." (cf. Mal 3, 10ss).



Foto: Avelino

nico *éleos*. Trata-se de "sentir com as entranhas", isto é, algo que caracteri-

za o amor da mãe por seu filho. Em virtude da aliança, o salmista ousa cantar, com freqüência, que a misericórdia de Deus é eterna (Sl 26,5). Deste modo o *hesêd* de Deus tornou-se também um conceito escatológico (cf. Sl 90, 14). No Novo Testamento, a misericórdia de Deus se manifesta integralmente em Cristo. Maria canta a misericórdia de Deus, que se estende *de geração em geração* (cf. Lc 1,50). O amor cristão é sinal do amor de Cristo que viveu sua paixão, isto é, amou até sofrer. A experiência da misericórdia de Deus deve levar a pessoa a ter misericórdia com seu semelhante: *Sejam misericordiosos como o Pai de vocês é misericordioso* (Lc 6,36). A atitude religiosa, uma vez que somos humanos, não pode se limitar ou restringir a movimentos espirituais, mas deve se traduzir em atos, em prática, em atividade de misericórdia, com o que sofre, passa fome ou precisa de nossa solidariedade (cf. Mt 25,31-46). Para orientar nossa experiência da misericórdia divina, é salutar que se leia e reflita aquelas que são chamadas as "parábolas da misericórdia", contidas no capítulo 15 do evangelho de Lucas. Revelando que é possível ao ser humano ter misericórdia com o próximo, Jesus incluiu esse sentimento-prática entre as bem-aventuranças (cf. Mt 5,7). Deus convida "façam a experiência da minha misericórdia, e verão como eu vou além..." (cf. Mal 3,10ss).



Antônio Mesquita Galvão é Teólogo e biblista
E-mail: kerygma@terra.com.br

Saúde comunicativa

Francisco Gomes de Matos

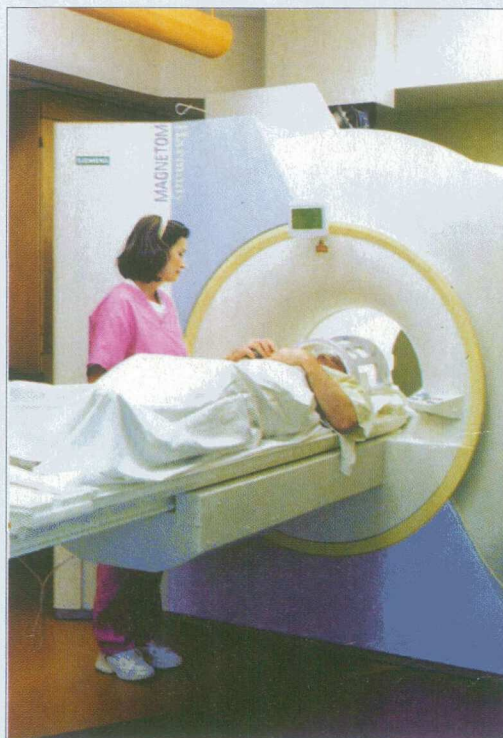
Na rica fraseologia de que dispomos em língua portuguesa, saúde é uma palavra-chave. Assim, ao desejarmos o bem de uma pessoa, uma das opções comunicativas é dizer, afetivamente: muita saúde para você e os seus.

Quando alguém espirra, respondemos com a interjeição: Saúde! Os adjetivos saudável e salutar também ocupam lugar destacado na comunicação: o primeiro pode ter uma intenção persuasiva, por exemplo, quando um leite em pó anuncia que "Faz sua vida mais saudável"; e o segundo (salutar), mais formal ou erudito, pode ser encontrado na literatura científica em geral, por exemplo: salutare princípios democráticos, relações salutare entre a polícia e a comunidade. Dispomos, também de outros adjetivos de importância comunicativa vital: sã(o) e sadio(a). Apesar de tão presente em nossa vida, o conceito-termo saúde ainda não está explicitamente ligado ao de comunicação — a Organização Mundial de Saúde identifica três tipos de saúde: física, mental e social — por isso, propomos que, exemplo de saúde econômica, passemos também a usar saúde comunicativa.

Essa dimensão da saúde individual/grupal/comunitária é objeto de uma publicação especializada: *Health Communication*, editora Lawrence Erlbaum: www.erlbaum.com e da atenção de profissionais de várias áreas, dentre as quais Estudos da Comunicação, Linguística Clínica, Fonoaudiologia, Psicologia Interpessoal e Psicologia da Paz.

O campo emergente de Linguísti-

Como usuários de línguas temos o dever de cuidar de nossa saúde comunicativa, de mantê-la no melhor estado possível, pois como diz um provérbio senegalês: "Ouvidos sadios podem agüentar ouvir palavras doentias". Essa afirmação reflete a necessidade de uma preparação adequada para que nos comuniquemos saudavelmente.



ca da Paz (cf. meu livro *Comunicar para o bem. Rumo à paz comunicativa*. Editora Ave Maria, 2002) também se ocupa dessa problemática, pois como usuários de línguas temos o dever de cuidar de nossa saúde comuni-

cativa, de mantê-la no melhor estado possível, pois como diz um provérbio senegalês: "Ouvidos sadios podem agüentar ouvir palavras doentias". Essa afirmação reflete a necessidade de uma preparação adequada para que nos comuniquemos saudavelmente. Isto requer também a capacidade de retratarmos bem as pessoas com problemas ou distúrbios de comunicação, do tipo gagueira, disfluência (pessoa que não consegue se comunicar de maneira fácil, rápida e contínua), afasia (distúrbio causado por dano cerebral: pode afetar a compreensão ou a produção). Assim, em lugar de dizermos que uma pessoa tem "defeito de articulação", humanizemos nosso vocabulário dizendo "pessoa com problema articulatorio".

Princípios promotores da saúde comunicativa

Que princípios podemos formular com o objetivo de ajudar as pessoas, particularmente formadores profissionais da saúde, a usarem a língua portuguesa mais salutarmente, na interação com pacientes?

A lista seguinte, baseada na técnica Treli (tríplice repetição da letra inicial), é apenas um começo: que os leitores contribuam com outros princípios. Seria ainda mais salutar pedir-se a colaboração de pacientes (em hospitais, clínicas, etc.) para ampliar-se e aprofundar-se esta enumeração.

Saber cuidar/promover a saúde comunicativa inclui muitas ações, entre as quais: (veja quadro ao lado).

- AAA** **A** crescentarmos **A**rtes às nossas **A**tividades
BBB **B**rincarmos de maneira **B**enfazeja e **B**em-humorada
CCC **C**onversarmos **C**arinhosamente **C**om os pacientes
DDD **D**ignificarmos o **D**iálogo com **D**oentes
DDD **D**irirmos **D**úvidas dos **D**oentes
EEE **E**scutarmos, para **E**ncorajar e **E**ntusiasmar
EEE **E**ducar-nos a **E**scutar os **E**nfermos
EEE **E**ntrevistarmos **E**nfermos, com **E**mpatia
EEE **E**stimularmos a **E**volução da **E**nfermagem
EEE **E**ntendermos as **E**xpectativas dos **E**nfermos
GGG **G**erarmos **G**entileza e **G**áudio
GGG **G**ratificarmos a **G**raça na **G**rupalidade
HHH **H**umanizarmos a **H**armonia **H**ospitalar
III **I**nteragirmos para **I**ncluir e, não, **I**solar
LLL **L**evarmos o **L**údico aos **L**aboratórios
OOO **O**timizarmos **O**portunidades para **O**timismo
OOO **O**rarmos pelos que **O**peram e são **O**perados
PPP **P**erseverarmos na **P**aciência com o **P**róximo
SSS **S**emearmos a **S**aúde **S**ustentável
SSS **S**ervirmos à **S**aúde da **S**ociedade
TTT **T**raduzir o **T**ratamento com **T**raquejo
TTT **T**ransmitir **T**ranquilidade **T**ecnologicamente
TTT **T**ratarmos **T**odos com **T**ato
TTT **T**ransformarmos **T**erapia em **T**ernura
VVV **V**alorizarmos o **V**ocabulário **V**ivificador

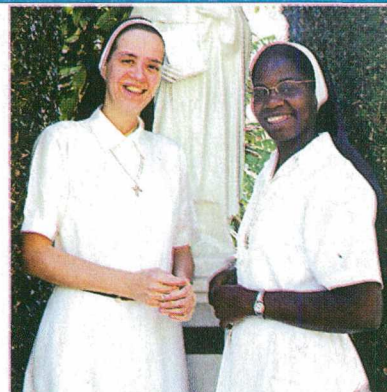
Pelo direito à saúde comunicativa

Assegurar a alguém, a um grupo, a uma comunidade seu direito à saúde comunicativa pressupõe um sério compromisso, de pessoas e instituições co-responsáveis: o de criar condições para que todos tenham o direito de aprender a comunicar-se pacificamente, construtivamente, para o bem pessoal e interpessoal. Esse direito comunicativo fundamental só poderá ser exercido entre nós quando uma política de saúde comunicativa estiver traduzida

em ações de paz comunicativa, por isso, reitero e adapto aqui meu apelo, feito internacionalmente este ano, através de Boletim da FIPLV — Federação Internacional de Professores de Línguas Vivas: comprometamo-nos a zelar pela saúde comunicativa pessoal e comunitária, aprendendo, ensinando a usar o Português e outras línguas para o bem, para a harmonia ou, no profundamente humanizador ensinamento de Cristo: para o amor ao nosso próximo comunicativo.

Francisco Gomes de Matos, professor (Letras/CAC/UFPE), membro da Com. de Direitos Humanos D. Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

IRMÃS DOMINICANAS



DE SANTA CATARINA DE SENA

JOVEM

embarque em nossa proposta de fazer o bem em todo tempo e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

VISITE-NOS
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO

São Paulo, SP

Casa Provincial
Rua Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso)
CEP 04001-081 Tel. (0__11) 288-2951
e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP

Praça Dr. Luciano Esteves, 30
CEP 13 480-048 - Tel. (0__19) 441-6916

Londrina, PR

Rua Caetano Munhoz da Rocha, 258
(Parque Bom Retiro)
CEP 86 025-660 - Tel. (0__43) 329-1326

Petrolina, PE

Rua Joaquim Nabuco, 541
CEP 56 300-000 - Tel. (0__81) 861-0327

VISITE O NOSSO SITE:
www.dominicanas.com.br

“Nada se pode comparar com a felicidade de ser toda de Deus”

(Madre Fundadora)

Maria na Bíblia

Geraldo Araújo Lima

Nesta edição, damos continuidade à reflexão da piedade popular mais difundida entre os católicos, apresentando mais duas estações da "Via Sacra de Maria", de um total de 15 a partir de outubro, passado.

11ª Estação A caminhada para Cafarnaum (Mc 3,20-21.31-35)

Aqui vemos Maria enfrentando o terrível drama do desentendimento entre os membros de uma mesma família. *Um profeta não é desprezado senão na sua terra, entre os seus parentes, na própria família* (Mc 6,4); em suma: *os inimigos do homem são os seus próprios familiares* (Mt 10,36). Tendo sido expulso da sinagoga de Nazaré de maneira violenta, Jesus abandonou sua cidade e *foi morar em Cafarnaum, à beira-mar, nos confins de Zabulon e Neftali* (Mt 4,13). Lá, a casa de Pedro tornou-se a sua casa.

Os sucessos de Jesus, em Cafarnaum, logo despertaram os ciúmes e despeitos dos seus irmãos (na realidade, eram 'primos') em Nazaré. Um belo dia, Jesus estava em 'casa', isto é, na casa de Pedro, e *de novo a multidão se apinhou, de tal modo que eles não podiam nem se alimentar. Quando os seus tomaram conhecimento disso, saíram para detê-lo, porque diziam: 'Enlouqueceu!'* (Mc 3,20-21).

Após caminharem uns 30 quilômetros, com este projeto em mente, chegaram lá. Como não pudessem entrar na casa por causa da grande quantidade de

pessoas presentes, mandaram-lhe um recado: *Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram!* Porém, Jesus, que sabia muito bem a que propósito eles tinham vindo (com efeito, *ele não necessitava que lhe dessem testemunho sobre o homem, porque conhecia o que havia no homem* — Jo 2,25), perguntou: *Quem é minha mãe e meus irmãos?* E, repassando com o seu olhar de raio X os que estavam sentados ao seu redor, disse: *Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe* (Mc 3,31-35).



E ali estava Maria, aquela que, mais do que qualquer outro mortal, havia feito a entrega total de sua vida à vontade do Pai: *Faça-se em mim segundo a tua palavra!* Não nos deve causar admiração o fato de entre aqueles parentes achar-se também Maria. Por certo, ela não compactuava com aquele projeto de prender Jesus, mas aproveitou a ocasião para vir a Cafarnaum a fim de ver o Filho, tomar conhecimento do estado das coisas, confortá-lo com a sua presença e colocar-se ao lado dele nas horas difíceis da vida. De resto, deveria ser obscuro e doloroso para ela saber que nem mesmo os seus irmãos criam nele (Jo 7,5).

12ª Estação A caminhada para o Calvário

Jesus morre entre os iníquos, como ele mesmo o havia dito: *É necessário que se cumpra em mim ainda este oráculo: E foi contado entre os malfeitores* (Is 53,12). *Com efeito, aquilo que me diz respeito está próximo de se cumprir* (Lc 22,37). Morre abandonado por Deus: *Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?* (Mc 15,34). Abandonado pelos discípulos. Abandonado pelas multidões.

Mas não por sua mãe. Maria, presente junto à cruz e ao lado do Crucificado, supre todas as ausências: *Por acaso, uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti!* (Is 49,15). Fiel ao *eis-me aqui*, pronunciado já há tantos anos antes, em Nazaré (cf. Lc 1,38), Maria está ainda presente: *eis-me aqui!* Ainda que tudo esteja contra Jesus: a Lei, os sacerdotes, os fariseus, as multidões, os discípulos, os seus familiares... ela não! Ela está presente: *Perto da cruz de Jesus permanecia de pé sua mãe* (Jo 19,25)!

Aliás, um moderno exegeta, analisando o grego desta frase de João, conclui que a tradução correta seria: "De pé, ao lado do Crucificado, estava sua mãe!" Ou seja, ela estava ao lado dele, sofrendo com ele, morrendo com ele, triunfando com ele (cf. John McHugh, *The Mother of Jesus in the New Testament*). (continua).

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; Convento do Carmo, Recife, PE.

Século XXI, desafio para a Igreja

Modelos-cenários de Igreja: estrutura-organização

Ronaldo Mazula

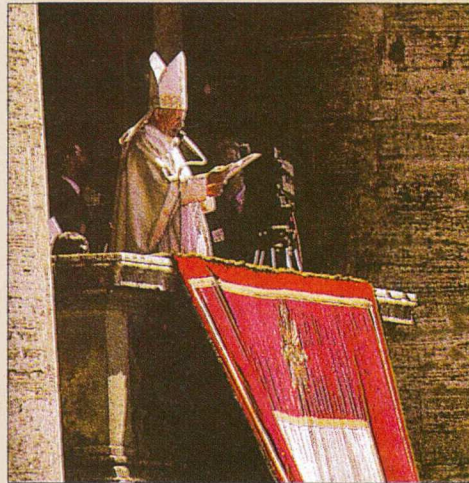
Nesta edição, encerramos esta série de artigos iniciados em novembro de 2001. Foi uma análise da conjuntura atual a Igreja Católica, neste começo de século. Termina esta série com o tema abordado nesta ocasião.

Vivemos um momento de transição e cansaço. O fenômeno religioso é uma explosão que assusta as instituições religiosas. A Igreja participa dessa situação de perplexidade. Que cenários são pensáveis nessa situação? Apresentaremos cenários, elegendo determinados elementos fundamentais, examinando a vida interna da Igreja e a relação com a sociedade.

Igreja de instituição

Reforça-se a cúria romana, a diocese e a paróquia: cenário da unidade, da visibilidade e autoridade da Igreja e sua presença na sociedade; marca sua atuação por meio de seu poder. A teologia estará a serviço do magistério oficial e outras teologias sofrendo restrições. A leitura popular da Escritura sofrerá restrições. A catequese se orientará pelo Catecismo oficial. Os leigos ocupam presença por meio dos movimentos de espiritualidade e apostolado, reforçando a instituição eclesial. A Igreja disputará espaço na publi-

cidade (megashows, TVs). Procurará mais entendimento para evitar conflitos do passado e insistirá na defesa dos próprios interesses corporativos. No campo cultural, assumirá uma posição de resistência e crítica combativa ante os desvalores da modernidade que ameaçam a fé, a moral, a família, etc. Faltarão uma perspectiva crítico-social na questão social.



Igreja de carisma

Oposta à anterior, triunfo da espiritualidade mística, das experiências pessoais e subjetivas. Carisma em contraposição a instituição. É o lado subjetivo de inspiração, de originalidade, de espírito. O atual surto religioso espiritual-místico encontrará incentivo e campo propício para crescer no interior da Igreja. A Bíblia estará nas mãos dos fiéis (que encontrarão nela, de modo imediato e literal, conselhos, palavras de estímulo e aconselhamento, não se recorrerá aos aparatos científicos, mas à espontaneidade da leitura direta); ela será lida como um livro de consolo e receitas pessoais a modo de livros de auto-ajuda com o reforço da

autoridade de Deus. Os leigos terão mais liberdade na espiritualidade e celebrações e a liturgia se transformará numa grande festa religiosa e emocional. A teologia visará nutrir mais ao coração, o lado emocional da vida cristã do que a iluminar a inteligência. A ação pastoral social receberá menos relevo em favor da privatização da vida cristã. Vai se interessar mais por uma presença eclesial nos Meios de Comunicação Social (MCS).

Igreja de pregação e kerigma/mensagem cristã

Valoriza-se na Igreja o aspecto doutrinal, o conhecimento, a pregação, o ensino. A vida interna da Igreja será organizada em torno da Palavra (Bíblia e Teologia). Serão organizados cursos de formação e as escolas católicas adquirirão mais importância. Insistirá-se na construção de uma sociedade justa por meio dos ensinamentos sociais e se enfrentará com mais criticidade o fenômeno religioso.

Igreja de prática libertadora

Fará as opções básicas com a libertação, com os pobres, com as CEBs em uma pastoral libertadora e uma teologia consistente e testemunho de vida até o martírio. Predominará a leitura popular da Bíblias nos círculos bíblicos, nos quais se articulam fé e vida. Método teológico: ver-julgar-agir. Surgirá a figura nova da Assembléia do Povo de Deus, como órgão orientador principal da Igreja local.



Ronaldo Mazula é claretiano e professor de História da Igreja.

Adelino Dias Coelho



João de Deus

(+1550)

8 de março

João, fundador dos Irmãos da Caridade, nasceu em 1495, em Montemor, Portugal. De família pobre, começou, ainda criança, a pastorear. Cuidou de ovelhas, durante 22 anos.

Em 1532, alistou-se no exército austríaco e esteve na guerra contra os turcos. Quando voltou para Portugal, não encontrou os pais vivos. Foi, então, para a Espanha, ganhando a vida com a venda de quadros e dos primeiros livros, que começavam a aparecer.

Tocado por um sermão de S. João d'Ávila resolveu mudar de vida. Deu tudo o que pos-

suía aos pobres e aos encarcerados e passou a dedicar-se aos doentes. Para esse fim, fundou em Granada, um pequeno hospital e tratava os enfermos com tanta caridade e dedicação, que várias pessoas se aproximaram para ajudá-lo. Um incêndio, porém, destruiu sua obra que parecia começar tão bem.

João, porém, não desanimou e conseguiu construir um hospital ainda maior, com a ajuda da comunidade daquela cidade.

Sua caridade não se limitava aos doentes que abrigava. Buscava pobres e doentes em suas respectivas casas, procurando auxiliá-los de alguma forma. Falava-lhes de Deus e de sua imensa bondade, conseguindo que muitos se arrependessem de seus erros e levassem um vida cristã melhor.

João nunca tinha pensado em fundar uma Ordem religiosa, mas o bispo de Tuy, d. Sebastião Ramirez, animou-o a dar à fundação

um caráter religioso. De suas mãos recebeu o hábito, recebendo o nome de João de Deus. Só após a sua morte, foram compostas as Regras e, em 1570, os primeiros religiosos da Ordem emitiram votos

Era criticado pela facilidade com que aceitava no hospital doentes e pobres, entre estes, pessoas, consideradas pela sociedade como sendo de má vida. Respondia-lhes: "O Filho de Deus veio a este mundo para salvar os pecadores e nossa obrigação é auxiliá-lo nesta missão. Para minha confusão, confesso que neste hospital não sei de outro pecador a não ser de mim, que não sou digno de comer o pão dos pobres".

Durante grande inundação, salvou muitas pessoas, expondo a própria vida. Em consequência disso, contraiu grave doença que o levou à morte, em 8 de março de 1550. Foi canonizado em 1690.



Luísa de Marillac

(+1660)

15 de março

Esta santa foi fundadora da Congregação das "Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo". Nasceu em Paris, aos 12 de agosto de 1591. Muito jovem ainda, perdeu a mãe. Coube ao pai educá-la. Desde jovem, ajudava os que sofriam. Um sacerdote, Vicente de Paulo (que morreu em 1660 e foi canonizado pelo Papa Clemente XIII, em 1737), pároco de Clichy, tendo tido conhecimento de que ela visitara uma pessoa atacada de peste, escreveu-lhe: "Nada receeis, Deus quer servir-se de vós para alguma coisa que visa a sua glória, e es-

tu certo de que ele vos conservará para este fim".

Em 1613, casou-se com Antônio Le Gras, e tiveram um filho. Em 1625, porém, morreu seu marido. Com coragem e resignação sofreu esse duro golpe, procurando alívio e consolo em Deus, dedicando-se inteiramente às obras de caridade.

Vicente de Paulo, após pregar as missões, convidava senhoras para ajudarem os pobres. Vendo que era necessário dar a esse movimento uma organização, confiou a Luísa essa missão.

Com o passar do tempo, Luísa percebeu que, para obter mais ordem, dedicação e independência no trato da caridade, seria melhor fundar uma congregação.

Em 1633, estava já formada uma pequena comunidade com quatro Irmãs. Na festa da

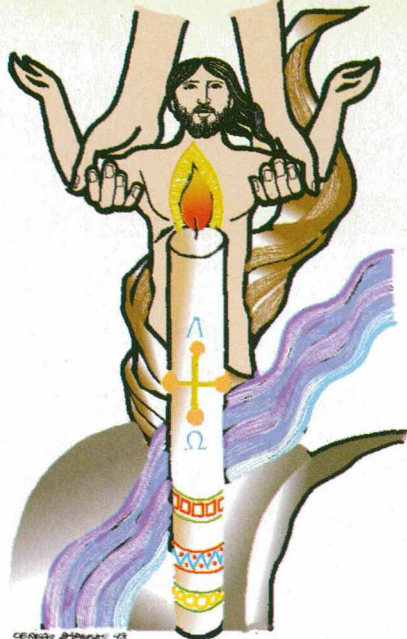
Anunciação de Nossa Senhora (25 de março) no ano seguinte, consagraram-se ao Senhor com voto ao serviço dos pobres e doentes.

Vicente de Paulo deu à jovem congregação uma regra, cujo espírito é mais uma prova da alta competência do autor em matéria de virtude e santidade: "tende, como mosteiro, a casa dos enfermos; como claustro, as ruas da cidade; como clausura a obediência; como grade, o temor de Deus; como véu, a modéstia".

Em 1849, as Irmãs da Caridade vieram para o Brasil, em Mariana, MG.

Luísa de Marillac via nos pobres e doentes a pessoa de Jesus Cristo, "por isso, queria que se lhes destinasse o primeiro pedaço de pão que se cortasse e o primeiro prato de comida que se servisse". Morreu aos 15 de março e foi canonizada, em 1934, pelo Papa Pio XI.





LITURGIA DA PALAVRA

Elaborada por Adeline Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.

Homem novo

Domingo da Páscoa do Senhor
20 de abril

INTRODUÇÃO

A palavra onipotente de Deus chama a uma vida imortal o homem novo, Jesus de Nazaré, filho de Deus e filho de Maria. Batizados na morte e ressurreição de Cristo, devemos começar a caminhar em novidade de vida, como filhos de Deus.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 10,34a.37-43

Na Igreja primitiva, cerca de 350 anos depois de Cristo, a comunidade começou a organizar uma preparação muito cuidadosa para o batismo. Os catecúmenos passavam por um longo período de preparação. Comprometiam-se a levar uma vida honesta para mostrar que seu desejo de se tornarem cristãos era sincero.

Cada comunidade celebrava os batizados somente uma vez durante o ano, na noite da Páscoa. Por isso, atualmente, a Liturgia sugere que na Vigília da Páscoa seja mantido aquele antigo costume e seja batizado, ao menos, um adulto.

Se fomos batizados quando peque-

nos, nossa passagem, ou *páscoa*, para uma “nova” existência só se dará com adesão consciente e livre à proposta de renascer através da conversão.

Reduzimos, às vezes, o cristianismo a longa lista de imposições e de preceitos morais. Julgamos que prática cristã é ir somente à missa dominical ou a recitação de novenas e terços, sem nos doarmos aos irmãos.

Nosso “novo êxodo” coincide com a duração da vida, até a maturidade, até a última “passagem” da morte. Nosso crescimento se dará conforme nossa correspondência à lei divina em nós, por amor a Deus e traduzido na caridade.

Isso é o significado da fé em Cristo ressuscitado, pois ele nos assegura que *todo aquele que nele crer receberá, por seu nome, a remissão dos pecados*.

2.ª leitura Cl 3,1-4

Tal mudança, porém, não se processa de uma só vez. É, ao contrário, obtida em meio a muita luta, quedas e soerguimentos.

Por isso, a mãe Igreja (a comunidade) prepara para os recém-batizados (e para todos nós) o alimento da palavra de Deus.

A eles (e a nós) é proporcionada a oportunidade de meditar sobre as verdades fundamentais da nossa fé e sobre os compromissos, às vezes um pouco esquecidos, assumidos no dia do batismo.

Paulo lembra aos cristãos da antiga cidade de Colossos que, no dia do batismo, tinham nascido para uma vida nova. Vida que se realiza plenamente não neste mundo, mas no de Deus.

Paulo, ao escrever: *pensai nas coisas do alto, e não nas da terra*, não quer dizer que não devamos nos interessar pelas coisas deste mundo, mas ensina que a plenitude de vida não será aqui alcançada.

Somente Cristo, morto e ressuscitado, tem a resposta convincente às

perguntas “por que vivemos e por que devemos morrer. De onde venho e para onde vou”.

Evangelho Jo 20,1-9

O que aconteceu com os apóstolos, naqueles três dias após a morte de Cristo, apresenta-se também a nós.

Há no mundo situações e lugares nos quais a morte domina soberana e o silêncio celebra a sua vitória. O poder, o princípio da força, a discriminação, a injustiça, o fermento da astúcia e da corrupção parecem, às vezes, esmagar as forças da vida, e nos achamos sem ação e enfraquecidos. Bate-nos, então, um desespero, incompatível com a fé na ressurreição de Cristo.

Poderemos, então, pensar que a doação da própria vida seja somente morte, renúncia, aniquilamento de nós mesmos, e que o melhor será adotar o lema do “salve-se quem puder”.

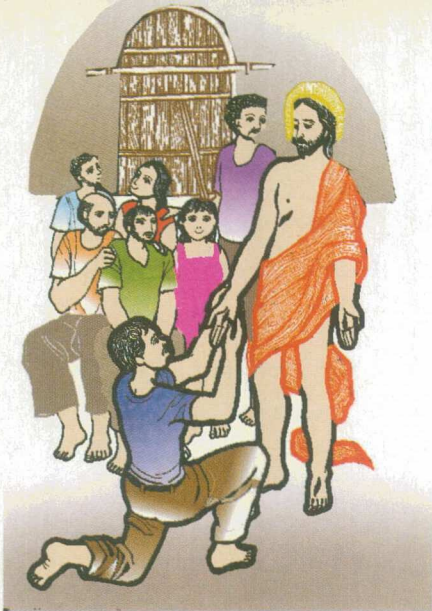
Cristo ressuscitado está em nossa história e nos surpreende com as maravilhas de sua Graça. Aponta para seu exemplo de vida doada aos irmãos, que não se conclui com a morte, mas se abre para a plenitude em Deus.

Os que o seguem, por sua fé no Ressuscitado, mudam as pessoas, transformam a realidade, não pela força ou pelas idéias, mas pelo amor. Sua história passa por alegrias e dificuldades, conquistas e frustrações, mas jamais esquecem da frase de Jesus: *Não temais, alegrai-vos, ide anunciar a minha ressurreição a meus irmãos* (v.10).

REFLEXÃO

Estamos dispostos a ressuscitar nossa vida cristã, ajudando sempre os irmãos “concretos” à nossa volta? Meditamos na palavra de Deus, aplicando-a às nossas necessidades espirituais? Com nossa alegria (obtida na oração), anunciamos aos irmãos a ressurreição de Cristo?





Partilha dos bens com os mais pobres

2.º domingo da Páscoa
27 de abril

INTRODUÇÃO

Partilhar nossos bens com os mais necessitados (primeiro “fruto” da Páscoa) exige decidido trabalho contra nós próprios. Porque, por instinto, só pensamos em nós e defendemos apenas nossos interesses.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 4,32-35

Os pagãos da época dos Apóstolos, não precisavam somente do anúncio da palavra de Deus para chegar à fé; queriam sinais concretos que provassem, de maneira clara, que Cristo Ressuscitado estava atuando no mundo.

Mas havia uma realidade que podia ser notada: a comunidade, através da sua vida, dava testemunho de que Cristo estava vivo. Era esse o motivo de tantas conversões. O *Senhor, cada dia, ajuntava-lhes outros, que estavam a caminho da salvação* (At 2,47b).

Dá-se o mesmo conosco? A lógica que impera entre nós, na maioria dos casos, é a da competição egoísta. Desde que nos conhecemos por gente,

aprendemos com os outros a querer dominar e a impor nossa vontade. Nossos “inúmeros afazeres”, não nos permitem dividir o tempo com os outros. “Temos mais o que fazer” — costumamos dizer. Deixamos de lado o essencial: a atenção compartilhada com o outro. O pai, por exemplo, não tem tempo para ouvir o filho e manda-o procurar a mãe. E vice-versa. Ocupamo-nos com coisas, julgadas por nós mais necessárias que o carinho da atenção, tão importante e insubstituível, entre pais e filhos, entre esposa(o) e esposo(a).

Esquecemo-nos de que Cristo está presente no menor dos irmãos. Distanciando-nos da afetividade que só nós lhes poderíamos dar, não nos surpreendamos com sua conseqüente insegurança interior e seu fechamento para com os outros, pelo resto da vida!

Não podemos nos admirar, também, de que tal quadro de egoísmo afugente as pessoas de nossa comunidade. Somos criticados, com razão, pois salta-lhes aos olhos nossa hipocrisia.

2.ª leitura 1Jo 5,1-6

O Apóstolo João reitera este ensinamento, ao escrever que a verdadeira comunidade cristã (famílias, ambientes de trabalho, grupos de pastores, comunidades religiosas) deve-se distinguir não apenas pela união com Deus, mas também pela fraternidade. Aliás, o amor para com os irmãos é o único critério possível para afirmar que estamos em comunhão de caridade com Deus.

Mas de onde nasce a comunhão com Deus e os irmãos? Nasce da fé, pela qual cremos que somos todos filhos de Deus e nos leva a observar seus mandamentos por amor.

O fragmento da carta de João, oferecido à nossa meditação, foi dirigido, principalmente aos cristãos que haviam sido batizados na noite de Páscoa. Havia pessoas que diziam aos recém-batizados

que era possível amar a Deus sem preocupar-se com os outros em torno deles. João lembra que a verdadeira fé não pode estar separada da vida.

Evangelho Jo 20,19-31

Bem-aventurados os que não viram e creram (v.29). Estas palavras de Jesus Ressuscitado são dirigidas aos cristãos de todos os tempos. São felizes aqueles que, ouvindo a palavra do Evangelho, reconhecem imediatamente a voz do seu Pastor.

À época em que o evangelista São João registrou a expressão “Meu Senhor e meu Deus” (proferida por São Tomé), ela só podia ser dirigida ao imperador romano Domiciano, que exigia ser adorado como único deus e senhor.

Os cristãos, para os quais João escrevia, estavam correndo o perigo de abandonar sua fé em Jesus Cristo. Era freqüente serem aliciados para prestar culto ao imperador. Se não obedecessem, eram ameaçados de morte.

Sabemos, pela história, que inúmeros(as) cristãos(ãs) preferiram morrer a aceitar adorar falsos deuses. Não viam Cristo, mas tinham certeza, pela fé, de que estava junto deles mais presente do que nunca. Nessa confiança, partiam para o martírio.

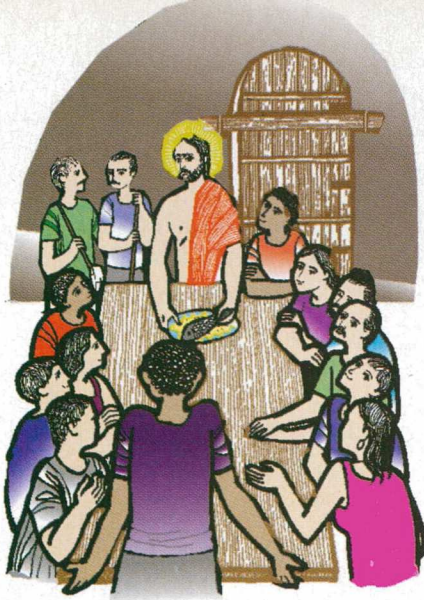
Hoje, somos tentados, também, a adorar os falsos deuses da luxúria, do adultério, da corrupção, da injustiça, da opressão e tantos outros.

Jesus Ressuscitado passou para nós seu poder! E nos comunicou sua paz, para vencermos essas tentações.

REFLEXÃO

Em nossa família ou comunidade, partilhamos nosso tempo, com alegria? Por acaso, somos dos que se fecham em sua religião “particular” e não querem saber dos outros? Podemos afirmar com nossa vida: “Meu Senhor e meu Deus!”?





Passamos da morte para uma vida nova

3.º domingo da Páscoa
4 de maio

INTRODUÇÃO

Na Igreja primitiva, pessoas adultas, primeiro se convertiam ao Evangelho e, somente depois, eram batizadas; hoje, devem-se converter pessoas já batizadas.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 3,13-15.17-19

Pedro invectivou o grupo de curiosos, atraídos pelo milagre: *Matastes o Príncipe da vida, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos: disso somos testemunhas.*

Certamente, pensamos que jamais teríamos sido culpados de crime tão hediondo. Na verdade, porém, repetimos o mesmo erro quando, movidos pela inveja, “matamos” nosso irmão com a calúnia, quando, por motivo de ciúmes, provocamos sua dispensa do emprego ou quando “envenenamos” um sólido amor entre esposos ou entre namorados ou, ainda, quando nos omitimos diante de alguém que foi caluniado injustamente.

Na última parte de seu discurso,

Pedro nos convida à conversão. A cura do coxo é sinal de que, mesmo “aleijados” pelo pecado, podemos encontrar o caminho de volta, guiados pelo Espírito do Ressuscitado.

Nós também podemos ser suas testemunhas. É suficiente que lhe permitamos cumprir, por nosso intermédio, suas obras de salvação. Sua vida ressuscitada se manifesta, quando a fome, o sofrimento, a doença continuam sendo vencidos pelo amor de nossa dedicação desinteressada. Assim, não há ruptura entre a história de Jesus ressuscitado e a nossa história.

2.ª leitura 1Jo 2,1-5a

O amor de Deus sempre consegue vencer e produzir bons resultados, até das piores coisas que praticamos.

Seus desígnios não podem ser inutilizados ou interrompidos por causa de nossa ignorância ou maldade, porque ele sabe conduzir os acontecimentos, em qualquer circunstância.

João deixou, por escrito, a verdade a ser sempre lembrada, principalmente, em momentos de depressão e tristeza: ao nosso lado, sempre está Jesus Cristo! Temo-lo como advogado, junto do Pai.

Devemos reconhecer nossa fragilidade, pois mesmo depois de termos sido perdoados, continuamos sujeitos a errar. Mas temos certeza de que, pela cruz, Jesus expiou todas as nossas faltas.

Não nos deixemos, pois, abater diante do aparente triunfo do mal, dentro e fora de nós. Nosso desencanto mostra que a fé que possuímos ainda está muito cambaleante.

Essa fé em Deus — ensina João — deve-se manifestar, na prática, pela observância dos mandamentos, para que nossa vida cristã não seja mentirosa. Somente *aquele que observa sua Palavra, tem em si, com perfeição, o amor de Deus.*

Evangelho Lc 24,35-48

A noite da Páscoa marcava para os cristãos da Igreja primitiva a sua passagem da morte para a vida através do sacramento do batismo.

Quando refletimos sobre nossa vida, percebemos que, infelizmente, continuamos vivendo como se Cristo não tivesse ressuscitado e como se não tivéssemos ressuscitado com ele para uma nova vida, da mesma forma que os primeiros cristãos, pelo batismo.


Podemos pensar que, no caso dos Apóstolos, não tenha sido assim. Mas Lucas registra que todos que o viram, ressuscitado, não obstante isso, duvidavam.

Através dessas dúvidas, o evangelista quer fazer notar que os Apóstolos não conseguiram chegar facilmente a acreditar na ressurreição. Conquistaram a fé depois de um longo caminho.

A fé deles, da mesma forma que a nossa, não surge de provas materiais. Tanto para eles como para nós, a fé não é uma entrega diante da evidência, mas uma resposta livre diante de um chamado. A existência de ateus é a prova disso. Deus não se impõe nem violenta ninguém.

Como os apóstolos, em meio a tantas dúvidas, incertezas e medos, podemos ver, hoje, o Cristo ressuscitado de maneiras diferentes, mas de uma forma não menos real. Sempre que escutamos sua Palavra, ele está entre nós. Aos poucos, os nossos olhos vão-se abrindo e acreditamos que tomando sua cruz, todos os dias, morrendo com ele, participaremos também, por sua imensa bondade, de sua ressurreição na plenitude da vida de Deus.

REFLEXÃO

Quando erramos, temos fé no perdão de Deus? Com humildade, ressuscitamos para uma vida nova, pela conversão de nosso coração? Acreditamos que Jesus Ressuscitado está sempre ao nosso lado? 



Bom pastor é aquele que doa a vida!

4.º domingo da Páscoa
11 de maio

INTRODUÇÃO

A conversão nasce da fé em Cristo Ressuscitado. Nunca é definitiva porque somos fracos e voltamos a cair. Mas nunca podemos desanimar. Jesus, nosso Pastor, deu a vida por nós para nos salvar.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 4,8-12

Em geral, preocupamo-nos, primeiro, com o que haveremos de comer, com a roupa que vestiremos e nos esquecemos da salvação de nossa alma, que é o principal.

Como meditamos, domingo passado, Pedro, após ter curado o aleijado de nascença, falou às pessoas, ali aglomeradas. Ensinou-lhes que aquele prodígio tinha sido realizado, não em nome dele, mas no de Jesus e que o mais importante era a conversão de suas almas: *Arrependei-vos, portanto, e convertei-vos, para serem apagados os vossos pecados.* Notemos, porém, a delicadeza com que o faz: *Sei que o*

fizestes por ignorância, como também os vossos chefes (v. 3,17-19).

Quantas vezes, tratamos mal as pessoas que julgamos estarem erradas, achando-nos superiores a elas, somente porque freqüentamos a igreja. E, no entanto, quantas vezes, sua sinceridade de atitudes é muito mais transparente do que a nossa, ao, hipocritamente, escondermos nossos defeitos!

Diante dos que o haviam prendido, Pedro discursa, corajosamente, sobre Jesus que aceitou ser considerado como um excluído, como pedra rejeitada pelos construtores, mas não vacilou em cumprir sua missão de salvação e, literalmente, carregou a cruz até o fim.

Antes disso, Jesus já nos tinha revelado o segredo de sua felicidade: *Quem quiser vir após mim, tome sua cruz todos os dias e siga-me (Mc 8,34ss).*

2.ª leitura 1Jo 3,1-2

O Pai não espera o dia da nossa morte para nos comunicar sua Vida Divina. Ele entra em nossa alma, já agora, gratuitamente, pelo batismo.

Tal maravilha não pode ser percebida pelos sentidos, mas pela fé. Era isso que fazia santos beijarem o peito de seus filhos, logo depois do batismo, porque lá dentro estava a Santíssima Trindade. Era ainda tal fé que levava os primeiros cristãos, após o batismo, a usarem túnicas brancas, para simbolizarem a realidade divina que levavam dentro do coração.

Assim, João se dirigia aos recém-batizados: *Irmãos bem-amados, vede que prova de amor deu o Pai: que sejam chamados filhos de Deus. E nós o somos!* Nossa vida demonstra isso?

Jesus podia falar que quem o via, via o Pai (cf. Jo 14,9). Jesus pregava o Evangelho e agia em nosso favor: ensinava o caminho da Vida e curava os doentes; dava de comer a quem estava com fome, recuperava o que estava perdido... E nós? Como vivemos nosso batismo?

Evangelho Jo 10,11-18

Quase todos os reis de Israel foram péssimos “pastores”. Em vez de apascentar as ovelhas, eles as exploravam, dispersavam-nas e as matabam (cf. Ez 34). Por isso, no Antigo Testamento, o Senhor prometia tomar conta do seu povo e enviar-lhe um verdadeiro pastor.

Este governaria com justiça e estabeleceria a paz, lutando, ao preço da própria vida, contra tudo aquilo que colocasse em perigo o seu rebanho. Daí, Jesus, depois de se apresentar como o bom Pastor, logo acrescentar: O bom pastor é aquele que oferece sua própria vida pelas ovelhas.

A figura do “Bom Pastor” não diz respeito somente aos que, hierarquicamente, são constituídos autoridades na Igreja, mas a todos nós, cristãos.

Todos os que queremos ser discípulos de Jesus devemos nos sentir unidos à sua generosidade incondicional. Não podemos ficar calculando até onde chegam nossas obrigações: mas devemos nos deixar conduzir pelo amor, e isto é o bastante.

Se agirmos somente para nos mantermos fiéis a uma lei, para termos uma recompensa, ou para não sermos punidos, se nos restringirmos aos limites mínimos, ainda não entendemos o que seja o amor.

Por outro lado, não é verdade que, às vezes, amamos os irmãos, ou nos dedicamos ao serviço da comunidade para tirar alguma vantagem?

REFLEXÃO

Nossos cuidados com os filhos é total? Atendemos o corpo e a alma? Vendo as nossas obras o que dizemos de nós as outras pessoas? Nossas atitudes aproximam-nas de Deus? O que nos leva a ajudar os irmãos? Recompensas? Proveito próprio? Ou doamos por amor?



Cristo, a videira; nós, os ramos!

5.º domingo da Páscoa
18 de maio

INTRODUÇÃO

Em nossos dias, Jesus, nosso Salvador, continua produzindo frutos que agradam ao Pai, por meio dos cristãos das nossas comunidades.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 9,26-31

O Apóstolo Paulo, não obstante as incompreensões, as suspeitas e as dificuldades que teve que enfrentar, soube manter-se unido a Cristo e à comunidade dos discípulos.

O grande missionário, que ele foi, não trabalhou sozinho. Não viveu à margem da comunidade, mas procurou, de todas as formas, entrar em comunhão com os irmãos de fé. Não desanimou diante da desconfiança e das suspeitas.

O momento de maior tensão entre nós e nossa comunidade é quando há divergências. No primeiro instante, somos tentados a abandonar tudo e a seguir outro caminho por conta própria.

Aceitar que nossa opinião não seja

acolhida requer muita humildade. Tal diferença será construtiva, poderá nos fazer amadurecer, contanto que seja recebida com amor aos irmãos, sem ressentimentos e mágoas.

Em tal situação, exige-se maior capacidade de diálogo, maior respeito à opinião alheia. Em lugar nenhum está escrito que nossa opinião tem de ser a única, mas não podemos renunciar à unidade.

2.ª leitura 1Jo 3,18-24

A fé se manifesta, externamente, através das obras de amor. Estas transmitem, a quem as pratica, a certeza de possuir em si a vida de Deus.

Se alguém possui bens deste mundo e, vendo seu irmão passando necessidade, fecha-lhe o próprio coração, como pode estar nele o amor de Deus? (v.17).

Não se espere, porém, aparecer uma oportunidade de ouro para praticar a caridade. Esta deve ser exercida, primeiro, em casa, nas pequenas coisas comuns; com as pessoas com quem não nos damos; com quem assume atitudes diferentes dos nossos princípios; com quem tem opiniões diferentes das nossas.

Mesmo que nosso gesto de amor não seja correspondido, continuemos amando assim mesmo. Porque nossa doação não é propriamente para aquele irmão, mas para Cristo que, pela fé, acreditamos estar nele.

Conhecedor do coração humano, Jesus nos preveniu: *Se amais somente os que vos amam, que recompensateis? Portanto, dar para que os outros nos dêem alguma coisa em troca, não tem valor algum. Por isso, continua o nosso Salvador: Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita (Mt 5,46; 6,3).*

Evangelho Jo 15,1-8

Não é possível haver união com Cristo, sem permanecermos unidos aos irmãos de fé, de carne e osso,

de nossa família, de nosso trabalho, de nossa comunidade. São santos, é verdade, mas ainda muito fracos, muito pecadores, como nós.

Há misérias, infidelidades ao Evangelho, fraquezas, pequenos e grandes pecados em todos os discípulos, mesmo nos mais devotos. Se observarmos isso nos outros, e julgarmos que só eles precisam urgentemente de serem corrigidos, sob pena de serem excluídos da comunidade, devemos, seriamente, preocupar-nos com nossa própria situação interior.

É hipócrita quem vê a palha no olho do irmão e não percebe a trave que tem no seu próprio olho — alertava Jesus (cf. Mt 7,4). Se é verdade que nem todos os membros das nossas comunidades, de nosso ambiente de trabalho, de nossas casas são exemplares, nem por isso nos cabe julgá-los.

A esse respeito, Lucas deixou registrado: *Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados... porque, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos vós também (6,37-38).*

A conclusão, após a leitura deste trecho do evangelho, é a necessidade de muita oração. Porque nada podemos, nada somos sem Jesus. *Sem mim, nada podeis fazer.*

Por fim, refletamos que a videira não produz uvas para si mesma, mas para os outros. O ramo encontra sua própria realização e satisfação, exatamente, produzindo uvas para os outros. Amemos como o Pai do céu, que ama sem esperar nada em troca.

REFLEXÃO

É o amor à verdade que buscamos ou é somente a “nossa verdade”? Só amamos quando esperamos algo em troca? Somos misericordiosos com os que erram?



Leituras semanais das missas de ABRIL

4.^a semana da Quaresma

1.^o - terça: Ez 47,1-9.12 = Poder da fonte maravilhosa que jorra do templo. Sl 45. Jo 5,1-16 = Jesus cura um paraplético sem ajuda de água.



2- quarta: Is 49,8-15 = Deus consola o seu povo na aflição. Sl 144. Jo 5,17-30 = Como o Pai, também o Filho tem poder de dar a vida.

3- quinta: Ex 32,7-14 = Moisés aplaca o Senhor. Sl 105. Jo 5,31-47 = Tudo o que faço prova que sou enviado pelo Pai.

4- sexta: Sb 2,1a.12-22 = Prendamos e condenemos o justo a uma morte infame. Sl 33. Jo 7,1-2.10.25-30 = Não é este aquele a quem procuram tirar a vida?

5- sábado: Jr 11,18-20 = Manso cordeiro conduzido à matança, eu ignorava as maquinações. Sl 7. Jo 7,40-53 = Os chefes tramam contra Jesus: "Da Galiléia não sai profeta algum".

5.^a semana da Quaresma

7- segunda: Dn 13,1-9.15-17.19-30.33-62 = Daniel livra Susana inocente. Sl 22. Jo 8,1-11 = Jesus livra uma mulher adúltera.



8- terça: Nm 21,4-9 = Quem olhava para a serpente no estandarte ficava curado. Sl 101. Jo 8,21-30 = Reconhecereis o Filho do homem, quando o tiverdes levantado.

9- quarta: Dn 3,14-20.91-92.95 = Deus livra os três jovens na fornalha. Cânt.: Dn 3,52-56. Jo 8,31-42 = A verdade vos livrará.

10- quinta: Gn 17,3-9 = Deus muda o nome de Abrão para Abraão, pai de uma multidão. Sl 104. Jo 8,51-59 = Abraão viu o meu dia, e ficou cheio de alegria.

11- sexta: Jr 20,10-13 = O Senhor está comigo: meus perseguidores não vencerão. Sl 17. Jo 10,31-42 = Jesus escapa dos que o queriam apedrejar.

12- sábado: Ez 37,21-28 = Deus reunirá seu povo. Cânt.: Jr 31,10-13. Jo 11,45-56 = Jesus vai morrer para unir os filhos de Deus.

Semana Santa

14- segunda: da Semana Santa. Is 42,1-7 = Primeiro cântico do Servo: apresentação. Sl 26. Jo 12,1-11 = Seis dias antes da Páscoa, jantar em Betânia e unção dos pés de Jesus.



15- terça: da Semana Santa. Is 49,1-6 = Segundo cântico do Servo: a missão. Sl 70. Jo 13,21-33.36-38 = Jesus anuncia a traição dos seus.

16- quarta: da Semana Santa. Is 50,4-9a = Terceiro cântico

do Servo: sofrimento e confiança. Sl 68. Mt 26,14-25 = Traído, o Filho do homem vai...

17- quinta: da Semana Santa. (Missa vespertina). Ex 12,1-8.11-14 = Solene ceia do cordeiro pascal. Sl 115. 1Cor 11,23-26 = A nova ceia pascal. Jo 13,1-15 = Jesus lava os pés dos apóstolos.

18- sexta: da Paixão do Senhor. Is 52,13 — 53,12 = Quarto cântico do Servo: paixão e glória. Sl 30. Hb 4,14-16; 5,7-9 = Jesus, sumo-sacerdote, passou pelas mesmas provações que nós. Jo 18,1— 19,42 = Paixão de N.S. Jesus Cristo.

19- Sábado Santo: Ex 14,15 — 15,1 = Passagem do Mar Vermelho, isto é, do pecado à graça da salvação. Sl 41. Rm 6,3-11 = Sepultados com Cristo, pelo batismo, ressuscitemos com ele. Mc 16,1-7 = Anúncio da Ressurreição.

Semana da Oitava da Páscoa

21- segunda: At 2,14.22-33 = Pedro: Jesus, que matastes, Deus o ressuscitou. Sl 15. Mt 28,8-15 = Aparição às mulheres.

22- terça: At 2,36-41 = Pedro: Jesus, que crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Messias. Sl 32. Jo 20,11-18 = Aparição a Maria Madalena.

23- quarta: At 3,1-10 = Pedro a um coxo: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda! Sl 104. Lc 24,13-35 = A caminho de Emaús.

24- quinta: At 3,11-26 = Pedro: matastes o autor da vida, mas Deus o ressuscitou. Sl 8. Lc 24,35-48 = Aparição aos onze.

25- sexta: At 4,1-12 = Pedro: Jesus, pedra por vós desprezada, tornou-se pedra angular. Sl 117. Jo 21,1-14 = Aparição aos discípulos, na Galiléia.

26- sábado: At 4,13-21 = Pedro e João: não podemos deixar de falar! Sl 117. Mc 16,9-15 = Jesus ressuscitado envia os Onze em missão.

2.^a semana da Páscoa

28- segunda: At 4,23-31 = Senhor, realizai prodígios em nome de Jesus, vosso santo servo! Sl 2. Jo 3,1-8 = Jesus a Nicodemos: necessário vos é nascer de novo.



29- terça: At 4,32-37 = Com coragem davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus. Sl 92. Jo 3,7b-15 = Jesus a Nicodemos: dizemos o que sabemos.

30- quarta: At 5,17-26 = Segunda prisão e libertação dos apóstolos. Sl 33. Jo 3,16-21 = Jesus a Nicodemos: Deus entregou ao mundo o seu Filho único!

Falando como vítimas

Wimer Bottura Jr.

Certo dia, Olímpio, um médico recém-formado, que corria num fusca de um lado para outro, de emprego em emprego, foi ao banco para renovar um empréstimo que não conseguira pagar. Seu diálogo interno já era acusador, fazia com que o gerente do banco parecesse bravo, como se todos no mundo soubessem que ele não conseguira quitar seu débito, como se ele fosse o único no mundo a não pagar um empréstimo bancário. Chegando ao banco, o gerente estava ocupado e recomendou que Olímpio se sentasse até ser atendido.

Sentou-se em um sofá confortável, esticou as pernas, bem à vontade, colocando-as paralelas a uma mesa de centro que havia no espaço. No momento, seus diálogos internos pareciam ter mudado de tom. Neste breve espaço de tempo, outro médico entra no banco, dirige-se ao gerente e recebe a mesma orientação: sentar-se na pequena sala de espera.

Durante a rápida movimentação, Olímpio pensou: "Que médico bem vestido, elegante, este vai depositar", e intimidou-se na cadeira. Ao intimidar-se, dobrou ambas as pernas que estavam estendidas e olhou para os seus pés. Tomou o maior susto, quando percebeu que usava os sapatos trocados; embora brancos e muito parecidos, eram de pares diferentes.

Rapidamente, esticou um dos pés para debaixo da mesa, e deixou o outro para fora da mesa. Seus diálogos internos agora se agravaram. Justo neste momento, o outro médico elegantemente vestido, com sapatos bem-cuidados, sentou-se à sua frente. Enquanto tentava esconder-se do mundo por

Os diálogos internos não precisam ser consequência de erros, ameaças ou conflitos. Eles se manifestam em todos os nossos atos, porém fica mais fácil evidenciá-los em situações problemáticas. Muitas pessoas, sem a consciência de seus diálogos internos, poderiam agravar a situação.



Foto: Eduardo Russo

que iria prorrogar o empréstimo, porque estava mal vestido e com sapatos trocados, seu corpo providenciava toda espécie de sintomas. Os diálogos internos o faziam apegar-se.

O outro médico puxou conversa, e, aí então, não dava mais para Olímpio ficar incógnito. Após alguns minutos de papo, o outro passou a queixar-se da situação, dizendo que estava lá para

prorrogar um pagamento. Neste momento, nosso inseguro e abalado Olímpio voltou a respirar e pensou: "que bom, não sou o único!", mas não tirou o pé de debaixo da mesa.

A caminhada da sala de espera até a mesa do gerente pareceu muito mais longa que os três metros reais e durou uma eternidade para ser cruzada, no momento em que Olímpio foi chamado. A renovação do empréstimo foi muito mais fácil e rápida do que parecia. Olímpio saiu do banco aliviado. No entanto, pensava ainda que todos estavam olhando para seus pés, com os sapatos trocados. O único jeito de passar despercebido foi andar mais depressa.

Os diálogos internos não precisam ser consequência de erros, ameaças ou conflitos. Eles se manifestam em todos os nossos atos, porém fica mais fácil evidenciá-los em situações problemáticas. Muitas pessoas, sem a consciência de seus diálogos internos, poderiam agravar a situação, num caso como de Olímpio, achando que o gerente o teria deixado esperando de propósito, só para castigá-lo ou que alguém estivesse rindo dos sapatos diferentes, que na realidade ninguém percebia, a não ser numa observação dirigida para tal.

Tomar conhecimento dos diálogos internos e de suas repercussões na nossa saúde, no dia-a-dia e nos relacionamentos é sinal de uma auto-imagem bem definida. Assim, poderemos entender que a agressão silenciosa ao adulto não é um problema nosso, mas de quem agride. Mesmo a rejeição deliberada, intencional, de um pai contra uma criança recém-nascida, por exemplo, acontece por um problema

Entrada

Salada de abacaxi de gala

Ingredientes:

- 1 lata de compota de abacaxi
- 2 maçãs ácidas
- 1/2 kg de camarão
- 1 pé grande de alface
- 1 raminho de salsa
- 1 kg de batatas
- Picles, sal, alho, limão.



Maionese

Modo de preparar:

1. Escorra a calda do abacaxi.
2. Afervente os camarões com os temperos.
3. Cozinhe as batatas em cubinhos.
Corte as maçãs em cubinhos.
4. Esprema o limão por cima.
5. Misture tudo, acrescente o picles picadinho, a salsa e a maionese.

Prato principal

Frango assado na cerveja preta



Ingredientes:

- Limões
- Coxas e peitos de frango (cortados)
- 1 pacote de sopa de cebola
- 1 garrafinha de cerveja preta Caracu.

Modo de preparar:

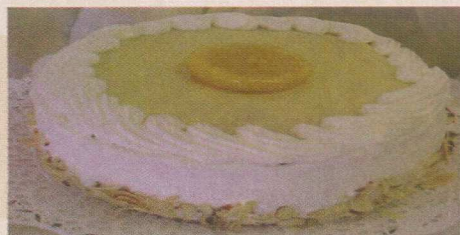
1. Tempere as coxas e os peitos de frango só com suco de limões.
2. Unte um pirex e arrume o frango nele.
3. Salpique o pó da sopa de cebola em todos os pedaços de frango.
4. Regue com a cerveja e leve ao forno para assar.

Sobremesa

Mousse de limão

Ingredientes:

- 2 pacotes de gelatina de limão
- 1 vidrinho de leite de coco (200 ml)
- 1 lata de leite condensado
- 1 lata de creme de leite
- 1/2 copo de suco de limão
- 1 1/2 copo de água para derreter a gelatina
- Óleo de cozinha.



Modo de preparar:

1. Bata tudo no liquidificador.
2. Coloque a mousse em fôrma untada com óleo.
3. Leve à geladeira.

daquele que rejeita. Não há nada que uma criança possa fazer para gerar essa rejeição, que a faça responsável por esse sentimento, embora ela vá sofrer a dor e as conseqüências pelo resto da vida. Assim sendo é fundamental a aprendizagem da diferença entre "ser agredido", "sentir-se agredido", "agredir" e "causar a sensação de agressão", para escapar das conseqüências dessas armadilhas. Não se trata, aqui, de se armar contra as pes-

soas, mas se fortalecer contra as próprias fragilidades dos adultos e proteger as crianças de suas fragilidades.

Parece mais fácil confirmar para si e para os outros que as pessoas são más, e nós somos vítimas incompreendidas e injustiçadas da sociedade e da família. No entanto, é mais eficaz, barato e seguro encarar nossos próprios medos em relação à vida. Afinal, o que eu ganho ao provar que as pessoas são más? Se eu aprendesse pelo

menos a me defender daquelas que realmente o são, já seria uma grande lucro, mas a maioria não se satisfaz com isso e precisa continuar sempre provando, num ciclo sem fim, que é vítima do mundo. O autoconhecimento é o caminho para atingirmos a sabedoria e, na maioria das vezes, surge após grandes perdas ou crises, o que já pode ser tarde demais.



Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro *Agressões silenciosas*, Ed. O.L.M., SP.



DIAS DEPOIS...

OI FABINHO! NOSSA!
COMO VOCÊ MELHOROU!

GRACAS À
DONA MARIA!

SABE, A DONA MARIA É MUITO HUMILDE,
E JÁ TEM UMA CERTA IDADE...MAS É A
NOSSA SALVAÇÃO AQUI NA VILA,
ONDE NÃO TEMOS HOSPITAL...É UMA
VERDADEIRA HEROÍNA!

NESTE LUGAR AS COISAS SÃO DIFÍCEIS
PRA NOS...NEM FARMÁCIA TEMOS AQUI.
MUITAS VEZES, DONA MARIA ANDA
QUILÔMETROS PARA BUSCAR PLANTAS
E REMÉDIOS PARA AJUDAR
QUEM PRECISA!

PUXAI!

ELA JÁ SALVOU MUITAS
VIDAS E TRATA A TODOS
COM MUITO CARINHO!

PRECISAMOS
FAZER-LHE UMA HOMENAGEM!
VAMOS CHAMAR A TURMA E AS
CRIANÇAS DO BAIRRO!

DEPOIS...

AQUI ESTÁ, DONA MARIA... NÓS FIZEMOS
ESTE ARTESANATO PARA A SENHORA
ENFEITAR SUA CASINHA!

ESTE É
O MEU!

MEUS AMORES... MUITO
OBRIGADA, EU ESTAVA PRECISANDO
MESMO... NÃO TENHO NADA!

TEM SIM, DONA
MARIA! A SENHORA É MUITO
MAIS RICA DO QUE PENSA! A
SENHORA TEM AMOR! A VER-
DADEIRA EXPERIÊNCIA DO
CORAÇÃO!



CARIDADE

Nesta época, em que o mundo está passando por tantas dificuldades, principalmente onde há mais pobreza, tomamos consciência de como precisamos de pessoas como a Dona Maria...

Muitas vezes as pessoas têm uma vida mais confortável e acabam se esquecendo que grande parte da população vive na miséria...

Fazer caridade não é apenas levar aquele alimento que uma família necessita, mas procurar estudar formas de melhorar sua qualidade de vida de alguma maneira que nos é possível...

Muitas vezes, não podemos ou não temos condições de dispor de alguma coisa, mas podemos ajudar de outras formas... para isto temos nossa inteligência, a qual devemos usar bem, mas para o bem, e não apenas para coisas desnecessárias...

Deus é perfeito dando oportunidade de todos praticarem caridade. Precisamos apenas estar dispostos a abrir o coração.



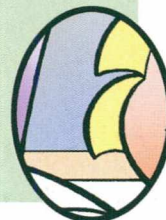
Há sempre um tempinho
Para falar com Deus;
Orar pelos meus...
Um cantinho no quarto,
Uma hora especial...
Fico em paz com tudo,
E esqueço todo o mal!
Assim a vida melhora;
A dor se alivia...
Pois aquele que ora;
O amor vivencia!



ASSINALE AS ALTERNATIVAS CORRETAS:

- A) Quando uma visita chega em minha casa, recebo-a com carinho. ()
- B) Sempre convido pessoas desconhecidas para entrarem em casa. ()
- C) Quando vou à casa de alguém, mexo nas coisas e entro sem pedir licença nos quartos. ()
- D) Quando alguém bate palmas ou toca a campainha, trato-o com educação. ()

ENCONTRE ESTE DETALHE DA CENA!



ARTESANATO ESTÁ NA MODA!

Nem sempre o melhor presente é o mais caro... Muitas vezes deixamos de dar presentes porque não temos como comprá-lo...

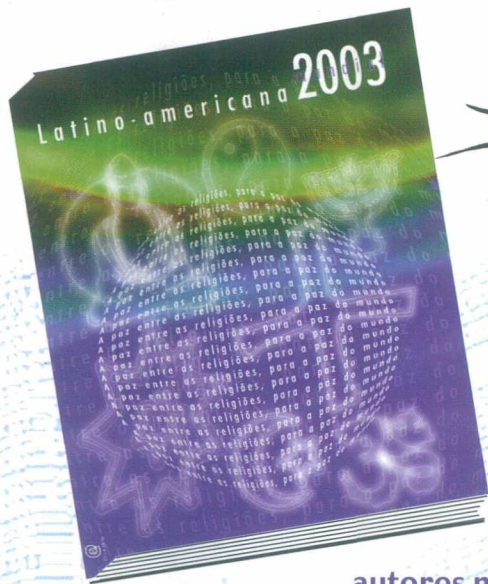
Muitas pessoas têm vivido bem produzindo artesanato em casa... há tantas idéias para se pôr em prática!

Que tal experimentar inventar coisas com papel, tecido, madeira, corda?...

Pergunte para os amigos! Faça pesquisas e crie um bazar alternativo!

Dê também preferência ao artesanato caseiro, que é aquele que as pessoas produzem para tirar o seu sustento!

Vamos ajudar o Brasil investindo na nossa gente!



Para você, Assinante!

O livro/agenda

“LATINO-AMERICANA-MUNDIAL 2003”

(O tema desse livro: A paz entre as religiões, para a paz do mundo. São páginas escritas por mais de 40 autores mundialmente conhecidos que apontam caminhos para esse diálogo. Mais de 100 mil exemplares vendidos no mundo em 7 línguas.)

Basta renovar SUA ASSINATURA, por mais um ano, e conseguir apenas UMA ASSINATURA NOVA.

- Veja como é fácil:
- Junte o valor da RENOVAÇÃO de sua assinatura por mais 1 (um) ano (R\$ 25,00) ao valor da ASSINATURA NOVA de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00).
- Mande o total: R\$ 50,00, com os cupons abaixo, devidamente preenchidos, para:

**Revista Ave Maria – Agenda LA 2003
Rua Martim Francisco, 636 – 5º andar
CEP 01 226-000 São Paulo, SP**

Faça o cheque nominal à “Revista Ave Maria – Agenda LA 2003”

- Outras formas de pagamento ou mais informações:
Ligue grátis 0800-555-021

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.:

CEP: _____ - Telefone: (.....)

Assinatura Data..... / /

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.:

CEP: _____ - Telefone: (.....)

AVÉ MARIA
REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SPM
Ave Maria
CORREIOS